



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM  
CURSO DE LETRAS

BRENNO BEZERRA DE ARAUJO PEDROSA

**LITERATURA MARANHENSE:** verossimilhança da obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo com a filosofia política social do Partido dos Trabalhadores frente à Presidência da República.

Itapecuru-Mirim  
2017

BRENNO BEZERRA DE ARAUJO PEDROSA

**LITERATURA MARANHENSE:** verossimilhança da obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo com a filosofia política social do partido dos trabalhadores frente à Presidência da República.

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Esp. Maria da Conceição Aparecida Nogueira da Cruz Muniz.

Itapecuru-Mirim  
2017

BRENNO BEZERRA DE ARAUJO PEDROSA

**LITERATURA MARANHENSE:** verossimilhança da obra “O cortiço” de Aluizio de Azevedo com a filosofia politica social do partido dos trabalhadores frente à Presidência da República

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: prof<sup>a</sup>. Esp. Maria da Conceição Aparecida Nogueira da Cruz Muniz.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>.Esp. Maria da Conceição Aparecida Nogueira da Cruz Muniz  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Msc.  
1º Examinador

---

Prof<sup>o</sup>. Esp.  
2º Examinador

A amada e inesquecível Elaine Araujo. O seu eterno pinguinzinho e amor por anexins seguirá os seus passos, lembrando de seu legado de competência, humanidade, carisma, e levando consigo um ensinamento que você jamais se censurou a repetir constantemente: "Você vale o que você sabe"

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer existir, pela proteção, por ter me dado sabedoria e capacidade, e por fazer a minha vida valer a pena cada vez mais e em seu tempo certo.

Aos meus santos protetores, que me deram vitórias importantes graças as suas sagradas intercessões.

A minha mãe Sheila Zandra, pela garra, firmeza, perseverança, apoio, estrutura e amor que dispõe aos seus dois filhos, a ponto de fazer deles pessoas que devem buscar a todo custo suas realizações pessoais.

A minha namorada Camila Moraes, pela paciência, apoio e serenidade.

Ao meu padrasto Cleiton Pereira e a minha irmã Amália Maria por fazer de suas companhias um fator de valorização ao ser humano próximo.

A minha avó Francisca de Jesus pelo carinho e por ter assumido de modo perpétuo a função de mãe.

A minha tia Gina Bezerra, pelo companheirismo, amparo e conselhos.

Ao meu melhor amigo Monroe Júnior, por, em doze anos de convivência, ter demonstrado total paciência e compreensão, que me fez admitir que existe veracidade na frase que diz que nem todo irmão é um amigo, mas todo amigo é um irmão.

Aos meus confrades da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes, pela admiração recíproca.

A minha amiga Andréa Lopes, que mostra ser a prova viva de que amizades iniciadas no Jardim de Infância podem ser eternas.

A todos os meus amigos da Universidade Estadual do Maranhão, que apesar de percalços e desentendimentos, fizeram valer a pena esses derradeiros momentos de curso.

A minha orientadora Aparecida Muniz, pelas ideias, pela amizade e por acreditar em mim.

A professora Conceição Pacheco, ex-diretora do Campus Itapecuru da UEMA, pela competência, seriedade, austeridade e legalidade com que exerceu o cargo.

Minha sincera gratidão a todos.

*Aprendi que se você não consegue ser feliz com poucas coisas, não conseguirá ser feliz com muitas coisas.*

Pepe Mujica

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa fazer um estudo de caso a respeito da inclusão da classe periférica em locais considerado elitizados, inculda na obra "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, comparando tais fatos aos avanços sociais ocorridos no Brasil, durante os governos de Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff a frente da Presidência da República; objetivando demonstrar como as classes menos favorecidas atingiram um crescimento exponencial, discriminando o modo como as camadas sociais dominantes reagiram a chegada das demais classes menos favorecidas em seu território e investigando como aconteceu o processo que levou a literatura e a política a elaborar uma síntese da realidade nacional, para executar um plano seja literário ou de desenvolvimento de políticas públicas. Nesta monografia, foi utilizado o método da abordagem dedutiva, indo do mais abrangente ao mais específico. Foram estudadas escolas literárias, como o realismo e o naturalismo, assim como o sistema político nacional, que levará a análise das biografias de Aluísio Azevedo, Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, até encontrar-se na obra "O Cortiço" e nos treze anos de governo do Partido dos Trabalhadores na Presidência da República, que resultaram no produto final deste projeto monográfico.

Palavras-chave: Literatura, realidade, sociedade, política, ascensão.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of course aims to make a case study about the inclusion of the peripheral class in places considered elitist, inscribed in the work "O Cortiço", of Aluísio Azevedo, comparing such facts to the social advances occurred in Brazil, during the governments of Luis Inácio Lula da Silva and Dilma Rousseff as head of the Presidency of the Republic; aiming to demonstrate how the less favored classes achieved an exponential growth, discriminating the way in which the dominant social strata reacted to the arrival of the other less favored classes in their territory and investigating how the process that led the literature and politics to elaborate a synthesis of reality national, to carry out a literary or public policy development plan. In this monograph, the deductive approach was used, ranging from the most comprehensive to the most specific. Literary schools such as realism and naturalism were studied, as well as the national political system, which will lead to the analysis of the biographies of Aluísio Azevedo, Luís Inácio Lula da Silva and Dilma Rousseff, until he finds himself in the work "O Cortiço" and in the thirteen years of government of the Workers Party in the Presidency of the Republic, which resulted in the final product of this monograph.

Keywords: Literature, reality, society, politics, ascension.



## LISTA DE ABREVIATURAS

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento

COLINA – Comando de Libertação Nacional

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PBF – Programa Bolsa Família

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

POLOP – Política Operária

PP – Partido Progressista

PRONAF – Programa Nacional de Agricultura Familiar

PROUNI – Programa Universidade para Todos

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

STF – Supremo Tribunal Federal

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

TCU – Tribunal de Contas da União

VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICA E SOCIAL DA OBRA O CORTIÇO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 ENREDO E ESTRUTURA DA OBRA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 A LINGUAGEM HUMANA E SOCIAL DOS PERSONAGENS .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 CULTURA E ASSISTÊNCIA SOCIAL NA OBRA O CORTIÇO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3.1 A RAÇA .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3.2 O MEIO .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3.3 O MOMENTO.....</b>	<b>22</b>
<b>3 BIOGRAFIA DO AUTOR .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 CONTEXTO LITERÁRIO REALISTA NATURALISTA DE ALUÍZIO DE AZEVEDO .....</b>	<b>25</b>
<b>4 HISTÓRICO POLITICO PARTIDO DOS TRABALHADORES .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 MUDANÇAS NO PAÍS.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2 A ERA LULA.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2.1 O MENSALÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2.2 PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2.3 PRÉ-SAL.....</b>	<b>43</b>
<b>4.3 A ERA DILMA.....</b>	<b>44</b>
<b>4.3.1 GOVERNO DILMA.....</b>	<b>48</b>
<b>4.3.2 LAVA JATO.....</b>	<b>50</b>
<b>4.3.3 IMPEACHMENT.....</b>	<b>51</b>
<b>5 A VEROSSIMILHANÇA ENTRE A OBRA “O CORTIÇO” E A FILOSOFIA POLÍTICA SOCIAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES FRENTE A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.....</b>	<b>52</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos do século XIX, precisamente em 1890, o escritor maranhense Aluísio Azevedo lança a obra “O Cortiço”, a qual narra a vida de João Romão – uma criatura egoísta, que após juntar uma vultosa quantia em dinheiro, adquire um comércio, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse período se envolve em um relacionamento amoroso com Bertoleza, conquista sua confiança e toma posse de todos os seus bens. Ainda que fosse uma escrava fugitiva, ela possuía certo valor em dinheiro. Com o crescimento de seu poder aquisitivo, João Romão adquire terras, onde constrói casas para servir de moradia, que posteriormente se transformou em um cortiço. Surpreendentemente, o negócio tem um grande crescimento, que eleva o número de moradores pobres na região.

Vizinho a essa localidade vive Miranda – um rico português, com problemas de relacionamento com João Romão, e que não se sente confortável em ver que em sua vizinhança estão presentes negros, empregadas domésticas, ex-detentos, dentre outros que configuram a chamada classe periférica. Enquanto isso, empreendendo no ramo das pedreiras, João acaba tendo ascensão financeira. Seu cortiço passa a ser palco de festas, confusões, reformulações estruturais e até mesmo da criminalidade, fora o embate entre classes, que jamais fora visto no bairro de Botafogo.

Aluísio Azevedo escancara a visão de mundo que a classe burguesa carioca do século XIX tinha. Daí a criação de personagens grotescos e com trejeitos que eram vistos como de verdadeiros animais. “O Cortiço” é percebido como uma obra que mescla crescimento social, ganância, moral, decência e legalidade.

No ano de 1977, o livro ganha uma versão cinematográfica, curiosamente em um período de reflexão política por parte do regime militar ditatorial e dos governos de direita – estes fiéis opositores ao comunismo; além da própria esquerda, tratada como clandestina no cenário político nacional. Esse referido período foi justamente o momento em que o movimento estudantil atingia um grande nível de rebeldia, citando como exemplo a invasão da sede da Pontifícia Universidade Católica, além da cobrança de anistia aos exilados políticos. Mobilizações como essas foram o estopim para outras revoltas promovidas por sindicatos, nas cidades de São Paulo e São Bernardo do Campo, como o dos bancários e dos metalúrgicos – este último fundamental para a criação em 1980 do Partido dos Trabalhadores.

Nesse contexto, a obra “O Cortiço” assume assim um caráter metafórico, onde o leitor pode tranquilamente enxergar elementos que mostram semelhança entre, por exemplo, a abolição da escravatura e a intolerância à repressão, ou a deposição da monarquia e o fim da ditadura. Sua importância consiste em, numa linguagem minuciosa, dar visibilidade à miséria e causas sociais, e buscar dentro desse contexto uma reforma nos mesmos. Nesse aspecto, o referido projeto começa a focalizar o período brasileiro na época em que o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu a presidência da república. Vale ressaltar que o partido supracitado prega que enquanto outros governam para as elites, não priorizando políticas públicas em prol das classes mais pobres, sua sigla tem uma visão mais positivamente diferenciada para as minorias, investindo em assistencialismo e direitos sociais para as mesmas. Parafraseando Carvalho (2011), “outras realizações significativas durante o primeiro governo Lula (2003-2006): expansão da oferta de ensino superior, os programas: Fome Zero, Bolsa Família (PBF), e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS)”.

Sendo assim, a obra “O Cortiço” e o governo do PT ganham protagonismo no âmbito da discussão, quando ambos passam por análises dos aspectos sociais, como a fome e pobreza. Soares (2010) afirma que ficam evidenciados os “males do século XIX ainda presentes no século XXI”, mas muito se lutou e se luta para reverter essa situação. Dessa forma, pode-se perceber as peculiaridades verificadas na obra “O Cortiço” e trazê-las para a contemporaneidade, observando como o PT executou suas ações de mudança em uma realidade socialmente obsoleta – fatos estes que serviram de motivação para a realização desta monografia.

Portanto, o presente trabalho está organizado em capítulos que abordam temas como: as características históricas e sociais da obra “O Cortiço”, desde seu enredo e sua estrutura, até aspectos culturais e sociais existentes no livro; a biografia do autor, com enfoque ao seu contexto literário realista e naturalista; o histórico do Partido dos Trabalhadores, desde a sua criação, seus 13 anos à frente do poder executivo federal e seu retorno à oposição; e a verossimilhança existente entre a literatura e política.

## 2 CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS E SOCIAIS DA OBRA “O CORTIÇO”

Dotada de características que remetem às escolas literárias do realismo e do naturalismo, a obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, ainda apresenta peculiaridades de teorias e crenças. Cattaneo (2013, p.1) afirma: “o livro é determinista e universalista”. Isso se comprova pelas relações de causalidade que resultam nos fatos incutidos em sua trama, e por trabalhar um ponto de vista universal dos fatos, mesmo que a sua história se passe em apenas um bairro da cidade do Rio de Janeiro, como pode ser observado, nas críticas que são feitas à pobreza, homossexualidade, adultério e ao fascínio extremo que o ser humano tem com a ideia de ficar rico.

Ainda assim, faz-se necessário elucidar que a obra admite defeitos e/ou características pessoais que são vítimas de preconceito pela sociedade, que nem sempre é uma questão de escolha de cada um, por isso ela prega que o homem pode ser um produto do meio em que ele vive, tendo o seu comportamento totalmente ligado ao espaço no qual está inserido, e tais situações podem ser averiguadas em qualquer lugar, independente do multiculturalismo existente em qualquer região.

De acordo com o explicitado, as críticas presentes no livro teriam um teor bastante preconceituoso na realidade atual, visto que, como o próprio Cattaneo (2013) afirma:

Só porque alguém vive em uma comunidade pobre, não quer dizer que esta não terá boa índole, ou se envolverá com crimes e drogas, ou até mesmo frequentar determinados lugares. De fato, muitos professores, auxiliares, guardas e até mesmo estudantes de escolas particulares agora moram nas conhecidas “favelas” antes ocupadas por lavadeiras, trabalhadores e prostitutas, como representado no livro. (CATTANEO, 2013, p.1)

Ao mesmo tempo, vale ressaltar que o intuito maior de Aluísio Azevedo é de desenvolver essas críticas com base no olhar da classe mais alta da sociedade, que não se mostrava confortável com o fato de ter que dividir espaço com as camadas mais pobres do Rio de Janeiro, que invadira um bairro da elite carioca, que faz uso das ações do próximo para caracterizar sua personalidade e a de todos que estão em sua volta.

Assim sendo, a percepção que a classe dominante demonstra é que, a marginalidade presente numa determinada área habitada por pessoas pobres é uma característica única e exclusivamente pertencente àquele referido grupo – fato que vai no rumo dos pensamentos do século XIX, onde era inconcebível na mentalidade da maioria, que um ser humano de família constituída, trabalhador e com um bom poder aquisitivo pudesse estar envolvido com a criminalidade.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que, os desvios de caráter que ferem as leis existem em qualquer lugar e é inerente a qualquer tipo de pessoa, mas um ser humano não responde por todos, e fica o desafio para que muitos passem a saber diferenciar a regra da exceção.

## **2.1 Enredo e Estrutura da obra**

Tomando como base a edição do ano de 2012, lançada pela Editora Ibeop Jovem, de São Paulo, “O Cortiço” é uma obra de 216 páginas, divididas em 23 capítulos, sem prefácio. Sua contracapa expõe um trabalho realista e minucioso, que faz um contraponto entre a burguesia e a classe mais pobre.

O século XIX já estava em seus derradeiros anos, quando o escritor Aluísio Azevedo lançou esse livro, que ao lado de “O Mulato”, é a sua mais famosa obra. A trama é protagonizada por João Romão, um português que é desprovido de qualquer princípio moral, mas é de se admitir que foi com muito sacrifício que ele reuniu uma considerável quantia em dinheiro, para de maneira ousada, adentrar o luxuoso bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e comprar ali um estabelecimento comercial. Nessa mesma época conhece a escrava Bertoleza, que é uma fugitiva, na qual as suas economias chamam mais a atenção do português do que a beleza e a personalidade propriamente ditas da moça. Não demora muito para ele tomar conta de toda a vida dela, fazendo com que praticamente ela volte a ter uma condição de cativa.

Com o seu dinheiro e o da esposa, João Romão adquire novas terras no bairro da zona sul carioca, e inicia assim a construção de pequenas residências, com o objetivo de aluga-las. De maneira surpreendente, o negócio logo se expande, impulsionando João Romão a construir novas casas, devido à alta procura. Com o

grande poder aquisitivo que conquistara, logo Bertoleza lhe cobra a tão sonhada carta de alforria, o que foi prontamente atendido, porém de maneira ilícita, visto que o português lhe confere um documento falso, e mesmo que fosse autêntico, não iria afastar a negra de uma condição perpétua de exploração.

Tendo o seu prólogo quase que em sua totalidade centrado no casal, “O Cortiço” passa a contar com novos personagens, citando a princípio um novo português, que atende pelo nome de Miranda, que não fazendo questão de manter laços de amizade com o seu compatriota, logo se torna um desafeto de João Romão. Melander Filho (2007) assim o descreve:

Não vê com bons olhos aquele cortiço apinhado de brancos, pretos, mulatos, lavadeiras, malandros, vadios, assassinos, etc.. Vários tipos residem no cortiço: a Machona, lavadeira gritalhona, com muitos filhos de pais diferentes; Alexandre, o mulato pernóstico; Pombinha, a mocinha que é desencaminhada pelas más companhias; Rita Baiana, mulata faceira que é amigada com Firmo, o malandro valentão; Jerônimo e sua mulher; e outros. (MELANDER FILHO, 2007, p. 1)

Assim, é praticamente inevitável poupar Miranda de certos julgamentos, como xenófobo e racista, que praticamente o tornam uma figura bem mais repugnante que João Romão, que passa a despertar mais inveja em seu antagonista, ao comprar uma pedreira na região, que vem lhe garantir bem mais lucro que os seus demais empreendimentos. Evidenciando a trama no cortiço, ressalta-se a localidade não como uma simples área de moradia, mas até mesmo como local de entretenimento, citando as festas que ali ocorriam, onde ninguém era mais “pé-de-valsas” que a bela Rita Baiana, que abusava da sensualidade em suas danças, despertando o desejo dos homens - fato que resultou em um conflito entre dois deles: Firmo e Jerônimo. A situação chegou a um nível tão lamentável, capaz de fazer com que o primeiro agredisse o outro com uma navalha e com golpes de capoeira.

Diante do ocorrido Firmo põe-se em fuga para outro cortiço de nome “Cabeça de Gato”, enquanto o de João Romão era chamado “Carapicus”. Ao receber alta, Jerônimo não se conforma em esquecer a história e prepara uma vingança que culmina com a morte de Firmo. Ele então foge levando consigo Rita Baiana, mas a narrativa ainda não estava perto do fim, pois uma inimizade entre os dois cortiços fez do bairro de Botafogo uma verdadeira zona de conflito, o que resultou com um incêndio criminoso no estabelecimento de moradia de João Romão. Tal prejuízo foi logo sanado devido à boa situação financeira na qual o português se encontrava.

Depois de algum tempo e já não enxergando em Bertoleza a pessoa ideal para ser sua esposa, João Romão passa a procurar uma mulher de alto nível para ser a sua companheira. Para isso, contrata um homem idoso chamado Botelho e oferece-lhe uma quantia em dinheiro para ajudar-lhe nessa empreitada. A ação dos dois homens faz com que a bela Zulmira, filha do português Miranda, seja a sua mais nova eleita, sem que ela ao menos saiba disso.

Demonstrando um grande desvio de caráter, João Romão entra em contato com os antigos donos de Bertoleza e denuncia o seu paradeiro. Acionados os responsáveis pela segurança pública no período, eles se dirigem ao cortiço a fim de recapturar a escrava, porém, ao perceber a emboscada, Bertoleza, que estava a limpar um peixe, pega a faca que usava e comete suicídio.

Nessa perspectiva, Alúcio Azevedo expõe em “O Cortiço” uma visão de mundo embasada pelo modo como a elite o enxergava.

Melander Filho (2007) afirma que:

Em “O Cortiço”, Alúcio caracteriza seus personagens como primários, reduzindo-os ao grotesco e mesmo ao animalesco. O cortiço é algo como que uma aberração que gira em torno do português João Romão, de seu crescimento e de sua ganância. Seus moradores vivem nos limites da legalidade, da moral, da sociedade, da decência, da humanidade enfim, à semelhança e imagem de seu proprietário, este sim o verdadeiro sujeito histórico e autoridade de fato pela sua condição de possuidor do local. (MELANDER FILHO, 2007, p. 2)

Assim, o autor executa em sua obra todas as características que fazem parte da escola literária do naturalismo, ditando regras as quais o indivíduo é influenciado pela raça e pelo meio em que vive. “O Cortiço”, com o passar dos anos, foi retratado em outras manifestações artísticas, como o cinema.

Melander Filho (2007, p. 2) afirma:

Duas versões cinematográficas da obra em questão foram produzidas, pelo que temos notícia. A primeira versão foi produzida em 1946 por Lulu Barros e não tivemos acesso à produção. A segunda, produzida por Edgard de Castro sob o selo da Embrafilmes – Argos futuro do Brasil, foi editada em 1977. Participam do elenco de atores, grandes nomes das artes cênicas nacional, hoje conhecidos mais como “atores globais” de novelas, tais como: Betty Faria, Mário Gomes, Armando Bogus, Beatriz Segall, Ítala Nandi, Maurício do Valle, entre outros. (MELANDER FILHO, 2007, p. 2)

Curiosamente, esse filme fora lançado em um período em que o Brasil passava por reflexões políticas, pois a anistia já estava incluída na pauta dos governos



militares, e num início de processo redemocratização (que demorou quase uma década para vir a ser concretizado), os políticos de direita e de esquerda tinham que já definir as suas ideologias. Três anos depois, veio a ser fundado o Partido dos Trabalhadores, que será uma das peças fundamentais deste trabalho.

Melander Filho (2007) aponta semelhanças entre “O Cortiço” e a questão política, a partir do final da década de 1970 da seguinte maneira:

É a metáfora do fim da escravidão com o fim da repressão, da proclamação da república com o fim da ditadura. Ao mesmo tempo, revela em proposta uma identidade social entre as épocas: o povo ausente de seus destinos, a mercê das decisões das elites e das reivindicações das futuras elites. É o alijamento eterno das populações marginais que nunca, de fato, estiveram integradas permanentemente num processo produtivo e político decisório. (MELANDER FILHO, 2007, p. 2)

Assim, a obra se torna um marco de uma estética que escancarava uma verdade por hora inconveniente para muitos, que não se limitava em expor o que há positivo e negativo em qualquer lado, podendo causar no retratado orgulho, vergonha e até mesmo reflexão.

## **2.2 A linguagem humana e social das personagens na obra “O Cortiço”**

Já propagado como um dos principais escritores do país, não foi surpresa que Aluísio Azevedo tenha recebido uma forte recepção positiva por parte da crítica com “O Cortiço”. Ressalta-se também que ele, naquele instante, era um forte adepto das doutrinas naturalistas, que, por sinal, estava vivendo um auge no continente europeu, o que facilitou com que a obra aqui avaliada, recebesse diversos elogios.

Sem restringir-se a escancarar diversas realidades do Brasil do século XIX, “O Cortiço” acabou por ser a principalmente fonte literária para quem queria enxergar um país de verdade. Mesmo que não haja relatos de que a trama protagonizada por João Romão seja baseada em fatos reais, é perceptível que todas aquelas situações incutidas na obra de Aluísio Azevedo em muito se assemelhavam com a atualidade tupiniquim do período. De acordo com Mendes (2012): “as principais características do Naturalismo seriam a animalização das personagens e, conseqüentemente, a

ação baseada em instintos naturais, tais como os instintos sexuais e os de sobrevivência”.

Nesse aspecto, a obra consegue dar visibilidade e desenvolver bem cada personagem, num ambiente em que elite e periferia se misturaram, para fazer valer a suprema intenção de Aluísio Azevedo de querer provar para o leitor e para a sociedade como um todo, que o meio em que vivemos é o fator principal que determina a personalidade de um indivíduo.

“O Cortiço” é baseado no contexto social, no indivíduo e em seus sentimentos, demonstrando assim que tal afirmação é perfeitamente visível no fato de João Romão não ter nenhum escrúpulo em sua ânsia de atingir seus objetivos puramente mercenários, colocando assim os interesses pessoais no centro de toda a trama, mesmo ela se passando num estabelecimento de moradia coletivo. A ala sentimental não condiz com questões de afeto, e sim por desejos impuros, como na figura de símbolo sexual que Rita Baiana tem perante os demais.

Mendes (2012) complementa que:

A obra está a serviço de um argumento. Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana. Mas, para além disso, o livro apresenta outras questões pertinentes para pensar o Brasil, que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social. (MENDES, 2012, p.4)

Narrado em 3ª pessoa, “O Cortiço” atende a um princípio naturalista, que ainda ecoa um narrador totalmente ciente de todos os fatos que envolvem o livro. Com todo o poder pertinente a ele, logo se deduz que tal sujeito que apresenta a história, possui uma postura imparcial, mas o decorrer da trama traz com toda clareza o caráter tendencioso inculcado na mesma.

A obra tem uma linguagem popular, inclusive investindo em palavras de baixo calão e também com conotação sexual, pois em diversas passagens o duplo sentido impera.

### **2.3 Cultura e Assistência social na obra “O Cortiço”**

A estética naturalista e realista tem em “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, o seu grande marco na história da literatura brasileira. Na obra, pode ser verificada a vida de uma sociedade, que convive num estabelecimento de moradia coletiva. Questões

humanas, como pobreza, adultério, discriminação e exploração são trabalhadas para expor as diferenças entre a classe mais periférica com a mais elitizada, que, por sinal, está presente na mesma região. Dessa forma, unindo tramas com temas polêmicos, como a homossexualidade, o livro faz um retrato da cultura do final do século XIX, sem se esquivar dos fatores negativos que também estiveram ali presentes.

Lima (2012, p.7) afirma: “Aluísio Azevedo é discípulo de Émile Zola”, ou seja, segue os preceitos do famoso e conceituado escritor nascido na França, que na história da literatura é tido como o mais importante representante da escola naturalista, onde cita-se a obra “O Romance Experimental” como o manifesto literário do movimento. O maranhense, para a concepção do livro, adota uma característica do francês de colocar a vida das classes mais pobres em primeiro plano, trabalhando a sociabilidade dos mesmos. Mesmo assim, o cortiço em questão é fundamental para o livro aqui estudado, afinal ele é além de um cenário, é o centro da trama, tudo se passa em volta dele.

Dessa forma, se for possível fazer uma analogia entre Aluísio Azevedo e toda a bibliografia de Émile Zola, fica evidenciado que o brasileiro soube, mesmo com o intuito de expor a realidade, criar temáticas diferentes para cada uma de suas obras. É possível perceber nitidamente quão diferentes são os enredos de “O Cortiço” e “O Mulato”, por exemplo. Já Zola investia em uma mesma questão em diversas obras de sua autoria.

Analisando a obra pode-se perceber um grande diferencial que existe no livro do maranhense que é a exploração da intimidade dos personagens, onde fica claro que Aluísio não quis ofuscar nenhum detalhe, sem se preocupar como o leitor do final do século XIX iria reagir, visto que nesse quesito, o contexto sexual em volta dos mesmos acaba por ganhar destaque.

Lima (2012, p.7) defende: “Outra característica fundamental n’O Cortiço é a influência do Determinismo de Taine”. Referindo-se a um crítico e historiador francês do século XIX, ele afirma que Aluísio Azevedo acredita que o homem é constituído de acordo com a raça, o meio e o momento em que ele vive. Prova disso é que o maranhense não se atém ao psicológico dos personagens e não trata as suas posturas com uma questão de escolha, e sim como um resultado de diversos fatores que praticamente obrigam um sujeito a ter um determinado comportamento. Diante

disso, esta monografia pretende focalizar cada uma dessas marcas deterministas presentes na obra.

### 2.3.1 A Raça

“O Cortiço” foi um livro concebido com grande foco na coletividade. Prova disso é a escolha desse título por parte de Aluísio, que ainda chega ao ápice de compará-lo a um formigueiro, devido à grande atividade que seus moradores impõem a ele. Influenciado pelo determinismo, o autor conceitua detalhadamente cada espaço da trama, dando-lhes força a ponto de até compará-los a seres vivos.

Esses fatores estão presentes na maneira como são fortemente caracterizados os personagens, seja na ganância de João Romão ou na condição escravocrata de Bertoleza. Ou seja, havia uma diminuição a condição humana de cada um, em virtude que a própria classe social a qual pertenciam e a carreira profissional que seguiam, os guiavam para ter esse tipo de julgamento pela sociedade carioca da época. Tal situação não pode ser tratada como uma postura preconceituosa por parte de Aluísio Azevedo, pois tais comportamentos para o período eram tidos como algo natural e inevitável, já que, na primeira oportunidade, qualquer um adotaria para si um comportamento igual a de um temível animal predador, como o leão, ou seja, se pudessem, apenas se alimentariam, se reproduziam (como Miranda e Estela, que se entregavam ao sexo, mesmo sabendo quão turbulenta era a relação entre eles) e dormiam.

Levando em consideração esses aspectos, vale ressaltar que em muitas passagens do livro, Aluísio troca o “homens e mulheres” por “machos e fêmeas”. Logo, a questão instintiva acabava por induzi-los a certos tipos de comportamento, onde as consequências passam a perder importância, fazendo disso um produto da raça dos personagens.

### 2.3.2 O Meio

O tema em estudo sugere uma concepção crítica acerca da teoria que versa sobre o comportamento de um indivíduo, e suas possíveis mudanças são resultados do meio em que ele vive. Sendo assim, teorias deterministas pregam que o ambiente

e a hereditariedade são precursores do ato de se moldar um caráter e um estilo de vida. A concepção dos personagens por parte de Aluísio Azevedo os insere em situações como a de miséria, criminalidade, condutas imorais, surtos psicológicos e uma diversidade sexual (na época vítima de mais preconceito do que nos dias atuais). Assim, fica claro que as ações praticadas pelos personagens do cortiço, são providas das questões e valores os quais eles têm um acesso, onde dificilmente conseguem desvincular-se.

Um exemplo disso inserto na trama, é a história do português Jerônimo, que se tornou morador do cortiço ao começar a trabalhar nele, e era considerado por muitos como um homem digno, tanto no lado pessoal quanto no profissional. Mas surpreendendo a todos, separou-se da esposa, com quem tinha um casamento admirável, para viver com Rita Baiana. Tal fato justifica-se por ele abandonar a cultura europeia e se deixar levar pelos trejeitos brasileiros, enfatizando que Rita Baiana possuía a beleza, a sensualidade e a forte personalidade que caracterizam a mulher brasileira, a ponto de conseguir mudar um lusitano trabalhador, companheiro e exemplo de pai.

Aliado a isso, tem o caso da personagem Pombinha, que é uma jovem de 18 anos, já noiva, considerada educada e vestida dentro do que ditava a moral e os bons costumes. Tida como inteligente, ela costumeiramente escrevia cartas em nome dos demais moradores do cortiço, e assim tornava-se ciente da intimidade e até dos segredos alheios. O juntar de informações da vida de outras pessoas, e a percepção sobre como eles viviam diante de exemplos nada louváveis, propôs a jovem moça a coragem necessária para se tornar uma prostituta, onde o que mais pôs em prática foi o ato de ter poder sobre os homens. E assim, utilizou de sua guinada de vida para encorajar as demais mulheres a seguir tais decisões feitas por ela, independente de como seriam julgadas.

Dessarte, essa multiplicação de homens adúlteros, que abandonam as esposas e as mulheres puras migrando para as profissionais do sexo, mostram uma tendência de multiplicação de tais comportamentos, indicando assim que o meio tem o poder de determinar que o ser humano possa ser aquilo que queira, mesmo que não seja algo bem visto pela sociedade, munido da seguinte ideologia: “se ele (a) pode, eu também posso”. Por isso, transformam-se em pessoas que cometem atos infracionais sem peso na consciência.

### 2.3.3 Momento

Enquanto a raça e o meio foram cruciais para determinar a personalidade de todos, com Bertoleza a situação foi diferente, pois além desses dois elementos, a ela também pesou o fator “momento”. Uma mulher negra e escrava, e mesmo que simbolicamente liberta, vivia em total situação de vulnerabilidade e inferioridade perante os demais, principalmente João Romão, que como um bom explorador social, via nela uma amante e uma serva. Tal situação muito se assemelha ao modelo burguês que Aluísio Azevedo tenta impor como algo que a sociedade brasileira perseguia. Exemplifica-se isso com a aliança que o protagonista faz com Miranda, que morava numa casa luxuosa para os padrões da época, ao lado do cortiço, e assim ambos passam a frequentar os lugares elitizados da então capital federal, curiosamente passando a conviver com pessoas dotadas de ideais abolicionistas, o que afronta ao real caráter de João Romão. Assim, a questão do “momento” acaba sendo determinante de maneira posterior a raça e ao meio, pois aliado aos fatores históricos do período, como a abolição da escravatura e a proclamação da república, acaba ditando uma mudança mais progressista na vida de todos. Às vezes, tais elementos não servem única e exclusivamente para comportamentos repudiados pela sociedade da época.

### 3 BIOGRAFIA DO AUTOR

Um dos mais brilhantes nomes da literatura maranhense, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, além de escritor, também exerceu as funções de jornalista, diplomata e caricaturista. Ele nasceu em São Luís, em 14 de abril de 1857. Seu pai era o vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e sua mãe se chamava Emília Amália Pinto de Magalhães, que não estava em seu primeiro casamento. Ela já havia contraído núpcias aos 17 anos com um comerciante português, mas não suportou o temperamento explosivo dele, vindo a se separar, o que para o período era um escândalo. Posterior a isso, ela conheceu o pai de seus dois ilustres filhos: o autor biografado neste capítulo e o teatrólogo de renome nacional Arthur Azevedo.

A infância e adolescência de Aluísio foi na capital maranhense, e nesse período ele chegou a trabalhar como guarda-livros e caixeiro. Uma das suas primeiras paixões na área artística foi a pintura, que serviu de inspiração para que ele viesse a caracterizar os personagens de seus principais romances. Ele tinha 19 anos quando se mudou para o Rio de Janeiro, indo ao encontro de seu irmão Arthur, que já vivia lá. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes, que no período se chamava Imperial Academia de Belas Artes. Para pagar suas despesas na então capital federal, ele usou seus dotes na área das artes plásticas e vendeu caricaturas para os principais jornais em circulação, como “O Fígaro”, “O Mequetrefe”, “Zig-Zag” e “A Semana Ilustrada”.

Dois anos após se instalar na mais importante cidade do país no período, Aluísio teve que regressar ao Maranhão, devido a morte de seu pai. Ele morava com a família num casarão localizado na rua do Sol, em São Luis, que hoje fica próximo ao famoso teatro que leva o nome de seu irmão. A moradia na atualidade corre o risco de desabamento, devido as mudanças feitas em sua estrutura, para transformá-la em um estacionamento. Na época, ele ali esse concentrava para dar início a sua carreira como escritor. Sua primeira publicação foi o romance “Uma Lágrima de Mulher”, lançado em 1879. Na mesma época, entra em conflito com a Igreja Católica, devido ao seu posicionamento abolicionista, que ia de encontro ao dos Padres contemporâneos a ele. Para fomentar a defesa pela libertação dos escravizados, ele ajuda a lançar o jornal “O Pensador”, com ideias que criticavam a escravidão.

No casarão em que vivia em São Luís, havia um mirante onde ele trabalhava suas obras. E foi lá que ele escreveu “O Mulato”, em 1881, onde historiadores pregam que dali ele avistava os açoites no Largo do Carmo, que serviram de inspiração para o livro. Em contrapartida, geograficamente, ao visitar sua casa na atualidade, nota-se que daquela área, não dá para se ver o largo, apesar da proximidade entre ambos, e levando em consideração que os demais casarões da rua são quase todos do mesmo período, tal tese ganha autenticidade. Mas nada impede que Aluísio tenha passeado diversas vezes pela localidade e testemunhado os atos desumanos. A obra denunciava vorazmente o preconceito racial, provido principalmente por parte dos maranhenses. O império brasileiro na época (a poucos anos de sua destituição) aclamou o livro, garantindo o sucesso de Aluísio e fazendo com que ele retornasse ao Rio de Janeiro, para ali já ser um escritor renomado e passar a viver da sua arte.

Aproveitando o hábito dos jornais do período de publicar folhetins, Aluísio Azevedo começou a expor seus trabalhos, sendo eles textos pequenos, onde sua única preocupação era ganhar uma remuneração para sobreviver. A partir daí ele passa a ser um exímio observador do comportamento humano, principalmente a visão da elite sobre as comunidades mais periféricas e os imigrantes europeus. Seu retorno ao Rio de Janeiro e sua postura pragmática perante o cotidiano, resultaram em duas de suas maiores obras-primas: “Casa de Pensão”, em 1884, e “O Cortiço”, em 1890. Com sua estabilidade na área literária nacional, Aluísio passa 13 anos seguidos escrevendo romances, e vira o principal colaborador das peças teatrais de seu irmão Arthur.

Faz-se necessário enfatizar que, nos anos seguintes, diminui consideravelmente sua produção literária e torna-se diplomata, indo morar na Espanha, no Japão, na Argentina, no Paraguai, na Inglaterra e na Itália. Em Buenos Aires, se casa com Pastora Luquez, com quem adota dois filhos: Pastor e Zulema. Lá ele vem a falecer em 21 de janeiro de 1913, sendo sepultado na própria capital argentina. Por iniciativa do escritor Coelho Neto, seus restos mortais foram levados a São Luís, e encontram-se no Cemitério do Gavião. Aluísio Azevedo foi membro fundador da cadeira número 4 da Academia Brasileira de Letras, patroneada por Basílio da Gama.



### 3.1 Contexto Literário Realista Naturalista de Aluísio de Azevedo

Não só o Brasil, mas o mundo inteiro estava em efervescência, quando o Naturalismo surgiu, principalmente porque o século XIX foi de consideráveis mudanças nos campos social, econômico e científico – este último com mais força no continente europeu, já que seus cientistas começaram a trabalhar visando a comercialização de seus estudos, não só em seu território, como em outras partes do planeta.

A Literatura se tornou algo mais científicista, ou seja, passou a ser mais pragmática como Emile Zola faz questão de conceitua-la em sua obra “Le Roman Experimental” (1880), onde trabalha o seu romance de maneira adaptada aos estudos de Claude Bernard.

Observando-se tal pensamento, Zola (1982, p.31) afirma que:

O romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual exige o determinismo dos fenômenos estudados.(ZOLA, 1982, p.31)

Conforme o autor supracitado, o resultado de um trabalho executado por um escritor nada mais é do que aquilo que ele observou, ou seja, ele retorna às teorias deterministas, e ao ter problemas em mãos, estuda o meio, a raça e o momento, e passa a buscar respostas, que não podem ser simples, tampouco precipitadas.

Silva (2012) afirma:

Zola apoia-se na teoria dos três fatores de Taine – raça, meio e momento histórico – para fundamentar as ações das personagens em situações propostas pelo romancista. As personagens agirão, portanto, de acordo com esses três determinismos. Mas, nem por isso a literatura naturalista se torna tão arbitrária a ponto de encerrar em si mesma a observação e a experimentação do real. Para seu idealizador, o romancista analisa o homem em sua ação individual e social a fim de expor aquilo que há de ruim, ou que atrasa a evolução da sociedade, e dessa maneira, trabalha para a melhoria do estado social. (SILVA, 2012, p. 59)

Logo, constata-se que o autor de obras naturalistas tem como maior objetivo o de ter total domínio sobre as questões que atingem o ser humano, e assim poder

dominá-las para construir uma trama que define certos comportamentos pessoais que nem sempre vem a agradar a quem lê, mas não deixam de fazer sentido perante a realidade em que se vive. Por isso, o naturalista tem um olhar atento de sua contemporaneidade e acredita que tudo pode ser fundamental na construção de uma personalidade e suas atitudes. Não à toa, tudo o que existe na natureza, pode ser visto numa obra naturalista. Quem, no final do século XIX, esperaria que Aluísio Azevedo ambientasse um livro logo em um cortiço, que é um estabelecimento de moradia típico da periferia?

Sobre o fato de esses autores terem sempre consigo o afã de aproximar-se do real, Zola (1982, p. 75) diz o seguinte:

o romancista experimentador é, portanto, aquele que aceita os fatos provados, que mostra, no homem e na sociedade, o mecanismo dos fenômenos que a ciência domina, e que faz o seu sentimento pessoal intervir apenas nos fenômenos cujo determinismo ainda não está de forma alguma fixado, procurando controlar o mais que puder seu sentimento pessoal, esta ideia a priori, pela observação e pela experiência. (ZOLA, 1982, p. 75)

Em relação a esses sentimentos pessoais, o período vivido no Brasil colocava-os mais em evidência, diante dos fatos históricos que permeavam a sociedade, e que não havia resguardo pessoal que os impedissem de, no mínimo, opinar sobre aquilo que estava acontecendo. Para se ter uma ideia, o fim do tráfico negreiro, que ocorreu em 1850, aliado a assinatura da Lei Áurea, em 1888, representou um problema na economia açucareira brasileira, que não foi imediatamente superado pela vinda dos imigrantes europeus, visto que estes últimos tinham ideais mais condizentes com a industrialização e a democracia americana – dois fatores nos quais o Brasil ainda não estava adaptado. Fora que os grandes donos de fazenda não absorverem a ideia de que trocar a mão-de-obra escrava pela remunerada, propiciava o lucro.

Foi nesse período que deu início a decadência da monarquia, e com a ascensão do Marechal Deodoro da Fonseca ao poder federal, os naturalistas passaram a tecer críticas (tanto positivas, quanto negativas) a maneira como o país era governado, seja no executivo, legislativo ou judiciário, exigindo uma reforma política que a deixasse mais moderna, propiciando uma economia que aumentasse o poder aquisitivo do povo, que deveria ter mais acesso a diversos segmentos, principalmente o artístico e cultural.

Com a propagação desse tipo de pensamento que fazia uma investigação mais aprofundada da realidade social brasileira, os estudos naturalistas, positivistas, evolucionistas e as correntes de pensamento francesas passam a dominar as faculdades de Direito e as redações dos jornais, pautadas principalmente nas ideias de Comte, Taine, Spencer e Darwin. O jornalismo entra de mãos dadas a essa nova escola literária, e assim a população teve mais acesso a estudos inovadores.

Silva (2012) afirma:

A Revista Brasileira (que contou com a participação de Machado de Assis e Sílvio Romero) e a Gazeta de Notícias difundiram as teorias da escola naturalista. Zola fora divulgado pela imprensa do Rio de Janeiro, e as notícias espalhavam-se pelo interior do Brasil, inclusive no Maranhão. Filósofos deterministas e evolucionistas foram traduzidos e publicados nos jornais em forma de folhetins. (SILVA, 2012, p. 4)

Tal avanço no setor comunicacional fez com que o brasileiro, por mais interiorano que fosse, já estivesse munido das informações sobre o que acontecia na Europa, com uma curta diferença de tempo. Nem as polêmicas que envolviam Eça de Queirós e a Questão Coimbrã passaram incólumes em terras tupiniquins.

Voltando ao tema em estudo, Aluísio Azevedo foi um dos que mais investiu em trabalhar vícios sociais. Suas crônicas apresentavam conceitos para tal, e servia de prólogo para suas obras, visto que esses eram os assuntos que seriam trabalhados. O maranhense denunciava a falta de racionalidade por parte da Igreja diante de assuntos em que não era pertinente o fator emocional, além de denunciar a postura de bispos e padres, principalmente como agiam em questões monetárias, que poderiam transformar os propagadores da fé em pessoas vingativas e de má conduta, que persuadiam a população a deixar de cumprir suas responsabilidades, para se dedicar com exclusividade à Igreja, impondo um Teocentrismo para um país que buscava se modernizar. Prova disso é que em “O Mulato” pode ser constatado que o cônego Diogo é retratado como um criminoso cruel, por isso ele cria um protagonista (Raimundo, no caso) sem ideais religiosos e que esbanjava o caráter que faltava no antagonista.

Mantendo suas ideologias em suas crônicas e agora direcionadas a outros campos artísticos, Aluísio não poupou nem as artes plásticas, que, segundo ele, não retratavam a vida real, já que absorviam apenas os fatores positivos de uma sociedade, quando o que ele mais pregava era que fossem escancarados os

negativos. Um dos seus principais alvos eram pintores que investiam em paisagens naturais, dando toques europeus às mesmas.

Aluísio não se eximia de dar os corretos tons a cada momento de sua obra, nem mesmos aqueles de uma carga dramática forte ou os que pudessem escandalizar. Uma passagem de “O Mulato” mostra isso:

Lá dentro a tapera tinha um aspecto nauseabundo. Longas teias de aranha pendiam tristemente em todas as direções, como cortina de crepe esfacelado; a água da chuva, tingida de terra vermelha, deixara, pelas paredes, compridas lágrimas sangrentas que serpeavam entre ninhos de cabas e lagartos; a um canto descobria-se no chão ladrilhado um abominável instrumento de suplício, era um tronco de madeira preta, e os seus buracos redondos, que serviam para prender as pernas, os braços ou o pescoço dos escravos, mostravam ainda sinistras manchas arroxeadas. (AZEVEDO, 1994, p. 161)

Um fato que preocupava Aluísio era o exagero de visões pessoais em uma obra literária, o que poderia transformar um livro em algo seletivo e que impedia inclusive o personagem de surpreender o autor. Dessa forma, primária por ter uma ótica mais sensata do real, expondo uma natureza mais coerente e tendo uma reprodução mais fiel em uma obra artística. Paraphraseando Montello (1975, p. 118), alerta-se: “na literatura moderna, portanto, não haveria lugar para sentimentalismos ou para características da estética romântica. O escritor moderno é um homem prático, hoje todo choramingas é um homem inútil e ridículo”.

Silva (2010) acrescenta:

Portanto, literatura nacional de qualidade relacionava-se a uma sociedade de qualidade, estabelecida nos conceitos positivistas de progresso e bem-estar social. Educação e cultura, bem como desenvolvimento econômico e social, seriam os pilares da sociedade e, por extensão, da literatura produzida no país. (SILVA, 2010, p. 12)

Grande conhecedor de teorias filosóficas, Aluísio chegava a estruturar suas obras de acordo com as posturas pregadas nos jornais maranhenses da época. Não à toa podem ser vistas diversas características da sociedade da qual ele é provido em seus livros, conseguindo ele dar uma atenção ao povo urbano e rural em proporções parecidas.

Como um artista nato, Aluísio recuperou todas as experiências de sua infância e juventude, e as sintetizou como base social para a criação de suas obras. O mesmo não era limitado, pois o trabalho de cônsul de seu pai, permitiu que ele conhecesse a sociedade estrangeira e a burguesia, logo estava ciente de sobre

quem estava escrevendo, além de um domínio sobre a localidade que serve de ambiente para suas obras.

Observa-se essa nova passagem de “O Mulato”:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor [...]. A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre [...]. A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam, todavia, com o resto da cidade, porque era àquela hora justamente a de maior movimento comercial. Em todas as direções cruzavam-se homens esbofados e rubros; cruzavam-se os negros no carroto e os caixeiros que estavam em serviço na rua [...]. (AZEVEDO, 1994, p. 14-15)

Tal passagem só reforça a grande influência que a sociedade maranhense tem sobre Aluísio. Josué Montello (1975, p.55) já dizia: “O Mulato se engrandece como o romance de uma cidade. São Luís, como um todo urbano, ganha corpo à medida que se desenvolve a ação romanesca”. Nem relacionamento de rigidez entre pai e filhas num ambiente ludovicense escapa da visão perspicaz do autor maranhense, que ciente de que seu público não seria exclusivamente masculino, aproveita para denunciar um machismo da época, que propunha uma criação com dotes desumanos e de total submissão para o gênero feminino.

De acordo com Mérian (1988, p.190) que afirma: “o romance está investido de uma missão que o aproxima do filósofo e do pedagogo, numa obra comum: a elevação dos graus de civilização do povo”. Logo, o que Aluísio fazia não era apenas um denunciar por denunciar, mas ditar regras que incentivassem a humanização do brasileiro, contribuindo com uma visão que elevasse as classes tidas como minorias (mulheres, pobres, negros, homossexuais...).

Aluísio, muito instruído por questões biológicas, geográficas e sociais, fazia de seus livros verdadeiros recortes de vida, embasados por todas as teorias europeias que ele seguia como pode ser observado abaixo:

A caridade moderna [...] já encarada pelo lado filosófico, já encarada pelo lado sociológico, não é como metafisicamente diz o nosso bom S. Paulo, uma virtude sobrenatural; muito ao contrário é ela na sociedade moderna uma qualidade suscetível de cultivo e desenvolvimento, e que, nem só reflete nosso caráter individual e nossa educação, como também está sujeita a todas as leis sociais e fisiológicas que regem nossos costumes e nosso organismo (AZEVEDO, O Pensador, 30/09/1880 apud MONTELLLO, 1975, p. 66).

Assim, o escritor maranhense enaltece pensamentos do já citado anteriormente Emile Zola, que pregam que não há sujeito sozinho e/ou afastado,

sendo assim ele um alguém influenciável de maneira contínua, e para piorar a situação, vale lembrar que a sociedade brasileira é cronicamente corrupta. A perspicácia de Aluísio mostra que o seu talento era tão visível quanto o brilhantismo de suas tramas.

Voltando a citar “O Mulato”, Silva (2010, p. 12) prega:

Na experimentação de deslocar o mulato bem instruído do meio que o instruiu para uma sociedade retrógrada, Aluísio apontou os impactos causados na personalidade desse sujeito por tal sociedade corrompida. E nessa experimentação deixou transparecer seu talento de romancista para além do preceito de Zola de que o talento individual do autor seria apenas como um detalhe que não deveria sobressair na obra. (SILVA, 2010, p. 12)

Nesse contexto é importante preconizar que, Aluísio marcou o final do século XIX ao usar suas obras para difundir pelo país os ideais deterministas e positivistas, não deixando de ser um aconselhador dos direcionamentos que o país poderia tomar num período em que o regime monarquista passava a ser presidencialista, e acima de tudo foi um grande defensor da educação como a solução dos problemas de toda e qualquer nação. Felizmente, a atualidade nos contempla com estudos e apoiadores do Aluísio Azevedo ser humano e escritor.

#### 4 HISTÓRICO POLÍTICO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

A década de 1970 já estava em seus derradeiros momentos, quando no Brasil chamou a atenção uma greve nas indústrias automobilísticas, em São Bernardo do Campo (SP), onde em plena ditadura militar, empresários sofreram uma reação por parte da classe trabalhadora, que foi uma das precursoras da criação do mais poderoso partido político brasileiro destas primeiras duas décadas de século XXI: o Partido dos Trabalhadores (PT).

O regime militarista já dava sinais de declínio e grande parcela da população, inclusive membros da elite, já se mostravam favoráveis à redemocratização do país. Outras nações ao redor do mundo já seguiam o mesmo caminho. E com a coragem de líderes sindicais, que ganhavam as manchetes de jornais do Brasil inteiro, o PT se estruturava e oferecia ao povo, nomes que eram de fato da classe operária para representa-los nos poderes executivo e legislativo. Nesse momento destacaram-se José Coite, Henos Amorina, Paulo Skromov, Jacó Bitar, Olívio Dutra e Luís Inácio Lula da Silva – que mais de duas décadas depois, veio a se tornar Presidente da República.

A fundação do partido, ocorrida em 10 de fevereiro de 1980, em São Paulo, aliou a própria classe operária, cristãos socialistas e os adeptos de ideais de pessoas como Karl Marx, Vladimir Lenin e Leon Trotski.

Já estabilizado como uma frente política nacional, o PT iniciou suas lutas sociais não querendo buscar um protagonismo na oposição ao regime militar, que no momento pertencia ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), pois acreditavam que o surgimento de um novo grupo anti-ditadura poderia dispersar os esquerdistas e democratas, e assim fortalecer o grupo que detinha o poder no Brasil, desde o golpe de 1964.

Reis (2007) afirma que:

Os velhos Partidos Comunistas – o Brasileiro e o do Brasil –, do alto de sua experiência, reforçavam os argumentos neste sentido: seria uma inconseqüência, no momento delicado da última fase da transição democrática, alquebrar o MDB, o principal instrumento que, mal ou bem, fora construído pela sociedade brasileira em suas lutas contra a ditadura (REIS, 2007, p.4)

Em contrapartida, novas alternativas políticas nacionais despontavam, e figuras socialistas democráticas já de renome, como Fernando Henrique Cardoso e Almino

Cardoso, passavam a ganhar adeptos e mais visibilidade, fomentando uma discussão esquerdista já há muito tempo proposta pelo então exilado político Leonel Brizola, que tratava sobre males sociais como o racismo, a marginalização infantil, o não empoderamento feminino e a falta de um olhar para a educação como solução para os problemas.

Propagar o PT como uma nova força democrática nacional não foi uma tarefa fácil. Em seus primórdios, contou com controvérsias e gafes cometidas pelos seus líderes, inclusive Lula, que colocaram em questionamento as experiências e a capacidade política daqueles líderes sindicais, que, a princípio, fugiam dos debates e não tinham o menor apreço por posturas carismáticas e civilizadas, ou seja, não abriam mão do radicalismo ao lutar por suas causas, como a de alavancar as classes menos favorecidas e diminuir a desigualdade social.

Ao mesmo tempo, a falta de clareza e imprecisão petista ainda levavam desconfianças àqueles que ainda não tinham comprado à mensagem desse novo partido.

Ainda de acordo com Reis (2007):

(...) o partido declarava-se socialista, mas que tipo de socialismo exatamente pretendia? E através de que meios? Reforma ou revolução? E de que formas de luta? Pressões e movimentos sociais? Lutas institucionais? E a atitude em relação aos marcos legais? Respeito escrupuloso, ou infração, se, e quando, fosse o caso? Como se combinariam na prática a unidade de ação e a pluralidade de tendências constituintes? Como funcionaria a democracia interna? (REIS, 2007, p.5)

Assim, o Partido dos Trabalhadores optou pelo tempo para fechar essas arestas, visto que caminhava em direção a uma união entre cristãos e marxistas, e já contava com a simpatia da classe jovem progressista. Logo, o PT era um partido eclético, com novos nomes como Paulo Freire, Plínio de Arruda Sampaio, Apolônio de Carvalho, Mário Pedrosa, Antônio Cândido e Lélia Abramo, que para alguns era algo passageiro, porém o partido teve como principal combustível o ânimo de seus membros, dispostos a propagar condutas socialistas em nosso país.

#### **4.1 Mudanças no País**

No início da década de 1980, o Brasil já vivia nove meses do mandato do último Presidente-General da história: João Baptista Figueiredo, que com a Lei da



Anistia, reverteu punições políticas, como o exílio, do período entre 1961 e 1979. Logo, com revogações de outras leis originadas nos governos militares anteriores, forças resguardadas passaram a expor seu pensamento sobre o país e reivindicações se multiplicaram, fazendo principalmente da causa sindical, a principal representante daqueles que queriam mudanças, e assim esse segmento cresceu consideravelmente e chegou inclusive às capitais estaduais. Reis (2007, p.6) acrescenta: “Como expressão forte do processo, formou-se, em 1983, a Central Única dos Trabalhadores/CUT, aliada sindical do PT, embora autônoma do ponto de vista orgânico”.

O ano é 1982 e é chegada a hora do Partido dos Trabalhadores participar de sua primeira eleição. Apesar de ser um principiante, o PT lançou candidatos em massa a praticamente todos os governos estaduais e assembleias legislativas. Para uma sigla que ia para uma eleição com poucos recursos, o resultado do pleito foi a vitória de oito deputados estaduais, doze deputados federais e cento e dezessete vereadores. Um resultado positivo, mas que chegou a ser decepcionante para uma ala que achava que o partido estava em condições de alcançar resultados melhores, inclusive vencer a disputa pelo governo do estado de São Paulo, onde Lula, tendo Hélio Bicudo como vice, ficou apenas na 4ª colocação.

Vale ressaltar que outros partidos de esquerda, como o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) tiveram resultados superiores ao do PT, o que levou os principais analistas políticos do Brasil a crerem que este último seria uma sigla de expressão, porém perpetuamente nanica no quesito resultado.

Posterior a isso, chegou o Período das “Diretas Já”, que reivindicava eleições presidenciais diretas no país, e que levou uma grande empolgação à população brasileira, mas que não surtiu o efeito desejado a princípio, principalmente por conta da camada mais conservadora do povo.

Reis (2007) afirma que:

O véis anti-ditatorial, o caráter de massas, a participação das esquerdas na liderança do processo, onde se destacava o PT, levaram a que importantes setores da grande mídia, inclusive, se permitissem boicotá-la em toda uma primeira fase, rendendo-se, num momento seguinte, afinal, à evidência das multidões que participavam ativamente das concentrações e comícios, cada vez mais gigantescos. (REIS, 2007, p.7)

O fato do PT ter se posicionado favoravelmente à campanha desde os seus primórdios, contribuiu para elevar a importância do partido no cenário político nacional, e assim fez com que Lula e seus correligionários adotassem uma única linha ideológica, onde certos radicalismos se sobressaíram, como o boicote à eleição indireta que elegeu Tancredo Neves para Presidente da República e José Sarney para vice. A justificativa foi que a sigla só apoiava eleição direta, e não participaria de outra qualquer, tanto que os parlamentares petistas que votaram no pleito, acabaram por sofrer processo de expulsão. Foram eles Airton Soares, José Eudes e Bete Mendes (esta última é também atriz de renome nacional), que pediram desligamento antes de qualquer veredito processual. Mesmo assim, Airton e Bete, que estão atualmente fora da política, mantêm apoio ao PT.

Com uma parceria cada vez maior com a CUT, o Partido dos Trabalhadores passou a ser um grande apoiador de greves ao redor do país, inclusive em empresas estatais – o que até então não encorajava servidores públicos, pois o país ainda vivia o regime militar. Tais ações de fato aconteceram, mas em número menor, comparadas as que se sucederam em São Bernardo do Campo, no final da década de 1970. Em contrapartida, a redemocratização nacional ajudou o PT a conquistar mais apoiadores e se afirmar no poderio da política de esquerda nacional.

A morte de Tancredo Neves e a consequente impossibilidade de ele assumir o comando nacional, fez com que José Sarney se tornasse o primeiro (e até hoje único) maranhense a ser Presidente da República – fato este negativamente irônico, pois ele era da linha de frente de apoio aos militares e foi logo o primeiro a presidir o Brasil após o fim da ditadura. Naquele momento, muitos se perguntaram se realmente o regime tinha chegado ao fim.

Sendo assim, o PT assumiu logo um caráter de oposição ao governo federal, mas que a princípio não lhe rendeu bons resultados, visto que a gestão Sarney estava com grande popularidade, principalmente por causa do Plano Cruzado, que é explicado por Reis (2007) assim:

No início, teve grande impacto, promovendo a queda da inflação e um processo notado de redistribuição de renda, suscitando grande entusiasmo e levando a popularidade de Sarney às alturas. Pouco tempo depois, porém, seria impotente para controlar efeitos que terminaram por inviabilizá-lo, retornando, em alta, a inflação, e o processo de desigualdades sociais, marca registrada da prosperidade econômica dos anos 70 sob a ditadura. (REIS, 2007, p.9)

Com a derrocada da economia nacional e o crescimento da ala oposicionista, o PT voltou a se destacar no cenário nacional, dobrando o número de representantes no congresso nacional e nas assembleias legislativas, além de uma grandiosa vitória no poder executivo: Maria Luiza Fontenelle era eleita, em 1985, Prefeita de Fortaleza. Uma mulher, de um partido de esquerda, chega ao poder de uma das maiores cidades do Brasil.

Em 1989, 29 anos após Jânio Quadros ser eleito para o Palácio do Planalto pelo clamor popular, o Brasil voltava a ter uma aguardada eleição direta para Presidente da República. O Partido dos Trabalhadores lançava Lula como candidato a chefia do executivo nacional, onde mesmo que a vitória não viesse, conseguir um bom resultado era importante para se ter em mente a real força do PT no país. Para chegar ao poder, o partido pregava as seguintes propostas de governo, conforme afirma Reis (2007, p. 10): “Previa-se a anulação da dívida externa, uma reforma agrária radical, o questionamento profundo das bases do modelo econômico imposto pela Ditadura, entre outras referências”. Não se sabia ao certo até que ponto o povo brasileiro confiaria nessas propostas radicais e se a falta de experiência dos petistas não pudesse na verdade era atrapalhar o progresso do país. Logo, 1989 era o ano de se fortificar ao extremo, enquanto sigla.

Em um pleito que contou com candidatos como Leonel Brizola, Paulo Maluf, Ulysses Guimarães, Mário Covas, Enéas Carneiro e a princípio até Silvio Santos (este teve sua candidatura indeferida por descumprimento de exigências partidárias), sobressaiu-se o nome do fluminense, porém radicado em Alagoas, Fernando Collor de Mello. Reis (2007, p. 11) o classificou assim: “Abraçando as bandeiras neoliberais, e com grande capacidade de comunicação com as camadas populares da sociedade, aglutinaria rapidamente as direitas e as elites sociais”.

O carisma de Lula e Collor os levou a um patamar onde somente eles aparentavam chances reais de vitória num pleito que, ao todo, contou com 22 candidatos. Reis (2007, p. 11) resume a situação assim:

A hipótese da vitória de Lula, e do programa nacional-estatista radical que ele então encarnava, alvoroçou e assustou as elites sociais e políticas. Mobilizaram-se como um monolito em torno de Collor, embora muitos o desprezassem. Utilizaram todos os meios, inclusive a difamação pessoal, para afastar o fantasma da hipótese de reformas radicais. Por outro lado, Lula e setores do PT também pareciam inquietos com a eventual vitória, o que ficou visível na performance do candidato no último debate com Collor. (REIS, 2007, p.11)

Lula, derrotado em 2º turno por uma diferença de um pouco mais de 4 milhões de votos, não se sentiu desmoralizado, até mesmo porque ele foi de líder do PT a líder da oposição nacional, fortificada com o impeachment de Collor, ocorrido em 1992. Mesmo assim, ele não logrou êxito nas duas eleições seguintes para Presidente, vindo a ser derrotado ainda em 1º turno para o ex-Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, que foi um dos seus principais aliados durante as Diretas Já. Logo, ficou a dúvida se um dia Lula chegaria à vitória ou se, caso negativo, o PT com outro líder, chegaria ao Planalto. 2002 foi ano em que teve início uma nova história, que levou o Partido dos Trabalhadores ao comando do país e o Brasil começou a ver uma estrela brilhar (alusão ao símbolo do partido).

## 4.2 A Era Lula

O Plano Real foi revolucionário para a economia nacional, mas ele não foi suficiente para alavancar a popularidade do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, nem para ajudar o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) a atingir o seu objetivo de passar, no mínimo, vinte anos na presidência. Eleger o então ministro da saúde José Serra seria um grande desafio. Seria essa a grande chance de Lula?

A preparação é narrada por Reis (2007) assim:

O PT preparou-se profissionalmente para a campanha de 2002. Na condição de grande partido, que já era, arrecadou finanças consideráveis. Em seguida, moderou o discurso político, um processo que já vinha se desdobrando, desde a campanha de 1994, mas que alcançaria, em 2002, com a Carta aos Brasileiros, um novo patamar. Finalmente, articulou assessoria de marketing que viabilizaria a proposta do candidato através dos meios de comunicação, além de tratar do seu visual, despindo Lula de quaisquer vestígios que o pudessem assimilar a uma liderança radical – o lema Lulinha paz e amor exprimiu bem esta mudança, sobre a qual, aliás, o próprio candidato referia-se sem constrangimento aparente. (REIS, 2007, p.17)

Além do supracitado ministro da saúde, Lula teve como adversários em 2002 o então governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho, o ex-governador do Ceará Ciro Gomes, e em alguns meses antes do pleito, a então governadora do Maranhão Roseana Sarney, que vinha obtendo grandes percentuais nas pesquisas, mas abandonou a disputa após um escândalo de corrupção envolvendo a empresa de

seu marido. Curiosamente esses três o apoiaram no segundo turno contra José Serra.

No dia 27 de outubro de 2002, uma vitória esmagadora leva o ex-operário Luiz Inácio da Silva à Presidência da República, com 61,27% dos votos contra 38,73% de Serra, que só teve a maioria dos votos no estado de Alagoas.

Reis (2007, p. 17) acrescenta que:

A vitória foi um coroamento. Finalmente, depois de três campanhas frustradas, a conquista da Presidência da República pelo voto, o triunfo. Lula e o PT chegavam lá. A euforia tomou o país, empolgando, principalmente, é claro, os eleitores de Lula e do PT, que se consagrou como o maior partido no Congresso Nacional. (REIS, 2007, p.17)

Com o país despencando no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Lula assume o comando do país em 01<sup>o</sup> de janeiro de 2003 já com objetivo de elaborar e aplicar programas sociais, onde se destacou o Bolsa Família, que era uma distribuição de renda para as famílias mais pobres – que para parte da sociedade, tratava-se de esmola, que tirava dos menos favorecidos a ânsia de buscar um emprego. Especialistas na oposição dessa opinião, que defendiam o assistencialismo como uma maneira de complementar a renda de um cidadão, propiciando que todos tivessem suas refeições diárias, tirando o Brasil do mapa da fome e fazendo a economia nacional circular.

O programa Bolsa Família tornou-se o que se pode chamar de “a cara do Governo Lula”, principalmente porque sua popularidade enaltecia a promessa de campanha petista de erradicar a miséria do país, e surgiu como um acalanto para o governo recém-iniciado, após o fracasso do programa Fome Zero.

Oliveira (2011) discorre sobre o programa da seguinte forma:

Embora o Bolsa Família seja alvo de críticas pelo fato de proporcionar dinheiro, e não estudo ou emprego, há jovens que hoje com o benefício puderam concluir estudos e voltar a trabalhar registrados e realizar sonhos, como o de se matricular em um curso técnico, uma vez que, sem se preocuparem com o dinheiro da comida, foi possível trabalhar só para estudar (OLIVEIRA, 2011, p. 22)

Focalizando a questão da juventude e do trabalho, no Governo Lula foi criado o “Primeiro Emprego”, que proporcionava aos jovens com idade entre 16 e 24 anos, experiência no mercado de trabalho, que tinha uma meta de gerar milhões de empregos, mas que não veio a ser superada, mesmo com o sucesso da ação.

Aliado a essas iniciativas, e de maneira bem mais eficaz, surgiu o Programa Universidade para Todos (PROUNI), que tinha como intuito aumentar o número de jovens de baixa renda na universidade e distribuía bolsas integrais e parciais em faculdades privadas. O sucesso da iniciativa, que perdura até hoje como um programa de estado, gerou uma positiva repercussão no mundo inteiro.

Uma estabilidade econômica foi à base desses principais programas, que em muito valorizou o produto interno bruto nacional. Com isso, na Era Lula, o Brasil passou por um período de controle da inflação, com grande queda no desemprego, balança comercial batendo recordes, as exportações ganhando mais incentivo, microcrédito em alta, o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) com investimentos em áreas mais diversificadas, além da criação do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF).

Oliveira (2011, p. 25) resume a economia no Governo Lula assim:

Nos dois mandatos de Lula, o PIB registrou expansão significativa pela retomada de tais atividades da economia, principalmente pela recuperação da renda da população, expansão do crédito no país e com o desempenho na venda de alimentos para os brasileiros, proporcionando o bom desempenho da indústria, principalmente nos setores automobilísticos e da construção civil. (OLIVEIRA, 2011, p. 25)

Assim, com o cidadão valorizado, o país reencontrou os rumos do crescimento, enaltecendo um mandamento petista, que aponta que, enquanto outros partidos políticos consideram o povo como o problema para o progresso de um país, para o PT esse mesmo povo é a solução.

#### 4.2.1 O Mensalão

Mesmo considerado por muitos como o melhor presidente da história do Brasil, Lula teve, logo em seu primeiro mandato, seus índices de popularidade em queda brusca, que chamam bastante a atenção, já que eles nada se comparam ao altíssimo índice de aceitação que ele detinha quando deixou o cargo, em 1º de janeiro de 2011.

O então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) delatou um esquema de corrupção intitulado “Mensalão”, onde parlamentares tinham votos comprados e eram pagos por empresas como a Telemig, Amazonia Telecom e as estatais

Correios e Brasil Telecom. O objetivo de tudo isso era que propostas governistas fossem aprovadas no Congresso. A situação relembra o chamado “valerioduto tucano”, que tinha a mesma finalidade do mensalão, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o que chegou a levantar suspeitas se foi assim que a reeleição para cargos do poder executivo foi aprovada durante o mandato do tucano. Em meio a esse escândalo, que também contou com o envolvimento do banqueiro Daniel Dantas, ficou uma dúvida, que paira até hoje e que é o motivo de discussão e até de inquéritos judiciais: Lula sabia do esquema?

Mesmo que o então Presidente da República tenha saído ileso da situação, nomes do alto escalão de seu governo acabaram por cair, como o então Ministro da Fazenda Antonio Palocci, acusado de ter burlado dados fiscais. Ele teve a sua inocência provada no ano de 2010, mas posteriormente acabou sendo preso na Operação Lava Jato, por recebimento de propina. José Dirceu, Ministro da Casa Civil (segundo mais importante cargo do país), também se viu envolvido, abandonou a função e teve os seus direitos políticos cassados. Curiosamente, Palocci e Dirceu eram os dois nomes mais cotados dentro do PT para suceder a Lula na Presidência da República. Além de lutar pela não condenação de ambos, o Partido dos Trabalhadores ainda teve que tentar limpar a sua imagem e do Governo Lula, e ainda por cima recomeçar do zero o projeto de se manter no comando do executivo nacional. Quem seria o novo escolhido ou a nova escolhida?

Diante do escândalo do mensalão, o PT acusou a oposição de arquitetar as denúncias, com o intuito de atingir o partido às vésperas de uma eleição presidencial. Além de Palocci e Dirceu, também caiu o então Presidente da sigla José Genoíno, o que resultou no rompimento da aliança política entre PTB e PT, além da expulsão de membros deste último, como Delúbio Soares, que controlava a tesouraria do partido.

Dentre os fatos que marcaram o estopim do mensalão, destacam-se ao do assessor parlamentar que fora flagrado carregando dólares dentro de sua cueca, e a dança da Deputada Federal Ângela Guadagnin (PT) ao comemorar a absolvição de colegas de parlamento, denunciados por corrupção.

Temendo perder apoio no Congresso, o que poderia inclusive facilitar a abertura de um processo de impeachment, Lula teve que se aliar com antigos adversários políticos, como Fernando Collor de Melo, que o derrotara na eleição

presidencial de 1989; e José Sarney, que passou a receber apoio petista para tornar-se Presidente do Senado.

Oliveira (2011) analisa assim as fortes denúncias de corrupção que assolaram a Era Lula:

Cada escândalo que surgia podia ser considerado festa para a oposição, como forma de “apagar” o nome de Lula do cotidiano dos brasileiros; mas o fato é que, mediante tanta corrupção vivida nos últimos anos, o povo brasileiro sempre carregou inúmeros créditos nas palavras do presidente, talvez pelo avanço que o Brasil presenciou em sua passagem pelo Planalto, principalmente pela distribuição de renda e conquista da parte mais numerosa da população: a que mais precisa. (OLIVEIRA, 2011, p. 31)

Não à toa, Lula foi reeleito em 2º turno para a Presidência da República, com 58.295.042 votos – número acima do obtido por ele em 2002. Um alento para quem viu, em seu governo, os seguintes aliados caírem, conforme aponta Oliveira (2011):

José Dirceu – Roberto Jefferson – José Genoíno – Antonio Palocci – Paulo Rocha – José Nobre Guimarães – Carlos Rodrigues – Delúbio Soares – João Paulo Cunha – Valdemar Costa Neto – Aldo Rebelo – Severino Cavalcanti – Duda Mendonça – Maurício Marinho – José Borba – Erenice Guerra. (OLIVEIRA, 2011, p. 31)

O mensalão começou a ser julgado no Supremo Tribunal Federal (STF), na época presidido pelo hoje aposentado ministro Joaquim Barbosa, em 02 de agosto de 2012, ou seja, Lula já não era mais presidente. Foram no total 37 réus, acusados de formação de quadrilha, corrupção ativa, peculato, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e gestão fraudulenta de instituição financeira. Dois meses depois, o STF encerrou o julgamento com 25 condenados e 12 absolvidos. Após a fase de embargos infringentes, que é um recurso contra uma sentença não unânime, João Cláudio Genú, ex-assessor do Partido Progressista (PP), condenado à princípio a quatro anos de prisão, acabou conseguindo a absolvição.

Para a alegria de Lula, o mensalão não foi suficiente para lhe derrubar do poder, mas também não deixou o PT imune a novos escândalos no futuro.

#### 4.2.2 Programa de Aceleração do Crescimento

O ano é 2007 e Lula tenta quebrar uma sina de que governos vão caindo de qualidade conforme o tempo, e tenta fazer do seu segundo mandato, algo ainda melhor. É nesse período que surge o Programa de Aceleração do Crescimento



(PAC), que tinha como princípio revolucionar setores, como o de transporte, com a construção de mais rodovias, portos, aeroportos, hidrovias e ferrovias; energia, com mais geração e transmissão, e com gás natural, petróleo e fontes renováveis sendo produzidos com mais abundância; além do setor social, que investia em saneamento básico, distribuição de energia elétrica, transporte público e recursos hídricos.

O programa teve a sua parte administrativa dividida em blocos, que cuidavam de questões como infraestrutura, estímulo de créditos e financiamentos, execução de obras com respeito às leis ambientais, desoneração tributária e medidas fiscais. À frente do PAC estava os ministérios do planejamento, da fazenda e da casa civil, mas coube justamente a este último o grande bônus do sucesso do programa, e assim, conseqüentemente, se engradeceu o nome do líder da pasta, ou melhor, da líder: Dilma Rousseff. Desde a Princesa Isabel, nenhuma mulher havia ganho tanto poder e notoriedade no comando da nação, e vale ressaltar que ela ainda era ministra.

Dilma havia deixado o ministério de minas e energia para substituir José Dirceu na casa civil, após o escândalo do mensalão. A mesma teria ganho do Presidente Lula total autonomia para pôr em prática projetos estruturais para o país, e assim ela ganhou o simbólico título de “mãe do PAC”.

Sobre a execução do programa, Oliveira (2011) faz o seguinte balanço:

(...) a verba aplicada no programa provém de três origens, sendo de empresas estatais, da união, além da iniciativa privada. Os projetos abrangidos pelo programa destinam-se a todas as regiões do Brasil, focando o investimento e o desenvolvimento independentemente do governo que ocupa a região ou estado da federação. (OLIVEIRA, 2011, p. 70)

No entanto, estados governados por partidos opositores ao PT criticaram a diferença da distribuição de recursos e obras por unidade federativa. Segundo eles, lugares que tinham gestores da situação foram privilegiados. O Presidente Lula se defendia alegando a necessidade de cada estado, pois, segundo ele, haviam alguns com orçamentos menores.

Os avanços providos do programa levaram o governo a criar o PAC das Crianças, que incentivava a educação, a saúde e o esporte, com a construção de quadras poliesportivas, bibliotecas e ambulatórios pediátricos.

O auge do programa deixou bem claro que o PT já não tinha mais dúvidas sobre qual nome seria a aposta do partido para a sucessão de Lula, após as quedas de Antonio Palocci e José Dirceu. Dilma Rousseff, como já foi supracitado, foi tida como a responsável pelo sucesso do PAC, e assim a mesma passou a estar mais junto de Lula em eventos, recebendo diversos elogios de seu chefe. Com isso, a oposição passou a acusar o governo petista de estar usando a máquina pública para fazer propaganda eleitoral antecipada, até mesmo porque as primeiras pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2010 não colocavam o PT na liderança.

Em certo momento, o programa que autenticava a eficácia do segundo mandato de Lula, conforme queria o presidente, passou a gerar preocupação. Muitas obras, principalmente de saneamento básico, mostravam atrasos, além das suspeitas de que o governo estava tentando esconder irregularidades no PAC, conforme inclusive apontou o Tribunal de Contas da União (TCU).

Era chegado o ano de 2010, e a Era Lula estava em seus derradeiros momentos. Se esse fim era constitucionalmente inevitável, manter o PT na Presidência da República era o afã maior do governo. Chegava a hora de dar as cartas finais, por isso veio o PAC 2, com obras de enfrentamento aos problemas sociais e urbanos, com mais ofertas de serviços básicos para a população mais pobre, mais distribuição de água e luz para a população, aumento nos transportes, além da criação do “Minha Casa, Minha Vida”, que segundo Oliveira (2011, p. 63): “(...) proporciona a redução do déficit de moradias, dinamizando o setor da construção civil, garantindo emprego e renda”.

Oliveira (2011) ainda acrescenta:

Durante a Era Lula, o lançamento do PAC foi de extrema importância para a elaboração de projetos que hoje estão em construção ou apenas no papel. Mas se abre hoje um leque de oportunidades para os próximos governantes em consentir com os projetos e avançarem com um Brasil que hoje é visto com outros olhos, tanto pelos próprios brasileiros quanto pelo resto do Mundo. (OLIVEIRA, 2011, p. 22)

O Brasil é um país com carências em grandes e diversas áreas, mas faz-se justo elucidar que o PAC foi o maior investimento que o país teve, após o governo de Juscelino Kubitschek, que pretendia fazer o país crescer 50 anos em 5. O que parecia difícil, aconteceu. Os livros de história passaram a mostrar o surgimento de alguém comparável ao mineiro que fundou Brasília.

### 4.2.3 Pré-Sal

Com um tom publicitário, “Pré-Sal” foi o nome atribuído à camada de petróleo encontrada abaixo de uma camada de sal, numa parte bem profunda do oceano, que resultou numa fase de descobertas para o segmento.

Oliveira (2011) explica o seguinte:

A camada do Pré-Sal foi formada há aproximadamente 150 milhões de anos, possuindo vários reservatórios de óleo fino, o que faz produzir o petróleo menos denso e de melhor qualidade. As camadas se estendem por cerca de 800 quilômetros do litoral brasileiro, começando desde o estado de Santa Catarina, até o Espírito Santo, podendo atingir 200 quilômetros de largura. (OLIVEIRA, 2011, p. 66)

O Pré-Sal equivale a algo em torno de 1 trilhão de metros cúbicos, superando em cinco vezes, tudo o que já fora explorado no Brasil. Para se ter uma ideia, somente a Bacia de Santos produziria, no mínimo, 10 bilhões de barris de petróleo, o que levaria o Brasil a um patamar de elite na produção petrolífera mundial.

Como não há avanços sem problemas, principalmente no governo Lula, o grande impasse que o presidente teve que resolver foi a divisão das riquezas do Pré-Sal, até mesmo porque nem todos os estados têm camadas dele, e os que têm, não possuem na mesma intensidade.

Estados como o Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo lutaram por uma divisão não igualitária, lembrando inclusive que a participação nos lucros de outros tipos de riqueza ficava no estado de origem, como o cobre, ferro e alumínio, que ajudavam na economia de estados como o Pará, Mato Grosso e Minas Gerais. Os esforços fluminenses, capixabas e paulistas foram em vão, e Lula confirmou divisão igualitária entre os 26 estados da nação e o Distrito Federal, numa atitude considerada eleitoreira.

Sobre a necessidade dessa divisão que gerou insatisfação até na base aliada, Oliveira (2011) prefere pensar o seguinte:

Tudo depende da situação que cada um enfrenta, claro, e o desenvolvimento deve ser gerado em todas as partes onde cada estado, produzindo sua riqueza, mantenha a expectativa de um Brasil melhor. Mas o que os governadores exigiam era um tratamento diferenciado, o que realmente seria justo. (OLIVEIRA, 2011, p. 67)

Polêmicas à parte, era hora da extração. A dúvida pairou no ar, pois analisando o tipo de tecnologia que deveria ser usada para tal, logo se viu que o Brasil não dispunha dela e assim o mercado internacional teve que ser acionado, visto que o próprio Lula defendia o status de “bilhete premiado” do Pré-Sal, que não poderia estar sendo jogado fora. O referido achado levou a Petrobras a um patamar de destaque no mundo inteiro, fazendo com que ela, conforme Oliveira (2011, p. 67) diz: “encarrega-se e levanta os estudos e experimentos necessários para o início da exploração do petróleo e sucesso do Brasil”.

Assim, fica claro que Lula, após o Mensalão e uma heroica reeleição, conseguiu, entre 2007 e 2011, reunir os elementos necessários para fazer de seu segundo mandato, bem superior e levar o país ao progresso. Mas, faltando poucos meses para deixar o cargo, Lula tinha um enorme desafio pela frente: fazer o PT ganhar uma nova eleição presidencial, só que desta vez, sem ele no páreo.

### **4.3 A Era Dilma**

Com a corrupção destruindo os sonhos de Antonio Palocci e de José Dirceu de serem presidentes da república, e com o sucesso do Programa de Aceleração do Crescimento, os olhos de Lula se voltaram para a “mãe do PAC”. Dilma Rousseff era a sua escolhida para disputar a sua sucessão pelo Partido dos Trabalhadores.

Amaral (2011) a apresenta assim:

Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na maternidade do Hospital São Lucas, em Belo Horizonte. Foi batizada com o mesmo nome da mãe e por isso, em família, seria para sempre Dilminha. O segundo nome, Vana, era uma homenagem à irmã mais nova de seu pai, o imigrante Pedro Rousseff, que em 1929 deixou a família na longínqua Bulgária e em 1945 veio parar no Brasil, onde o acaso o conduziu a Minas Gerais (...) Tinha 46 anos quando se casou com a professora primária Dilma Jane Coimbra, uma beleza morena, prendada e ativa, 26 anos mais jovem, nascida em Nova Friburgo, na serra fluminense, e criada em Uberaba, no Triângulo Mineiro. Dilminha era a segunda filha do casal, que já tinha Igor, nascido em janeiro do mesmo ano, também batizado com nome búlgaro (...). (AMARAL, 2011, p. 19)

Em 1964, ano do golpe militar, Dilma virou militante da Política Operária (POLOP), que buscava implantar o socialismo no Brasil. Apoiadora de lutas armadas, dali ela passa a ser membro do chamado Comando de Libertação Nacional (COLINA), que posteriormente funde-se com a Vanguarda Popular

Revolucionária e se transforma na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), que era um grupo de extrema esquerda e que combatia a Ditadura Militar, chegando a roubar um cofre com dinheiro desviado pelo governo de São Paulo e a sequestrar um avião em troca de informações sobre o paradeiro de dois membros do grupo, que forçou o governo militar a admitir que havia prendido os mesmos.

Dilma foi presa em 1970, sendo torturada durante vinte e dois dias, com socos, choques elétricos e o pau de arara. Ela foi condenada a seis anos de prisão, tendo a pena reduzida pelo Superior Tribunal Militar. Posteriormente se muda para Porto Alegre (RS), onde se gradua em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sendo uma das fundadoras do Partido Democrático Trabalhista (PDT), logo se torna assessora na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Em 1986, tornou-se Secretária Municipal da Fazenda de Porto Alegre; entre 1993 e 1994, e entre 1999 e 2002, foi Secretária Estadual de Minas, Energia e Comunicações do Rio Grande do Sul. Neste último período, o então governador gaúcho Olívio Dutra indicou Dilma para participar da equipe de campanha que trabalhou para eleger Lula, em 2002. Ela era uma desconhecida tanto para a cúpula do PT, quanto para o próprio Lula.

Amaral (2011, p. 123) relata o seguinte sobre o primeiro encontro entre os únicos petistas a governar o país: “Lula reparou duas coisas na nova companheira: Dilma recorria toda hora a um laptop recheado de dados e informações e era a única ali com experiência de governo. Tinha cara de ministra”.

O grupo integrado por Dilma sugeriu a Lula o primeiro compromisso apresentado por ele em seu primeiro programa eleitoral: a Petrobras passaria a comprar plataformas e navios de empresas brasileiras, gerando empregos no país. Como a disputa pelo comando nacional em muito preocupa o mercado, a Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base marcou uma reunião com Antonio Palocci para saber detalhes da ampliação do próprio mercado e questões como importação. Nesse encontro, a figura de Dilma chamou mais a atenção, como relata Amaral (2011, p. 125-126): “Ela fez uma exposição objetiva, demonstrou uma visão muito prática dos temas que realmente interessavam aos investidores”.

Lula foi eleito Presidente em 27 de outubro de 2002. Para montar a transição, queria uma equipe técnica e convocou Dilma a fazer parte da mesma. Ela teve que abandonar o governo gaúcho e se mudar para Brasília.

Amaral (2011, p. 126) relata essa mudança:

Sua agenda foi tomada por reuniões com empresários do setor de energia para discutir as regras da retomada de investimentos e da construção naval, de modo a tornar possível a promessa feita por Lula na TV de comprar no Brasil tudo o que pudesse ser fabricado no Brasil. (AMARAL, 2011, p. 19)

Em novembro de 2002, o então Ministro da Casa Civil do governo Fernando Henrique Cardoso, Pedro Parente, viajou à Alemanha para um seminário com investidores, que exigiam a presença de um membro do futuro governo. Lula e Palocci indicaram Dilma, que na volta ouviu deste último que estava cotada para assumir um ministério. A mesma decidiu não se iludir, já analisara que politicamente, Tarso Genro ou Olívio Dutra poderiam representar o Rio Grande do Sul na Esplanada dos Ministérios, e que tecnicamente Luiz Pinguelli Rosa ou Mauricio Tolmasquim tinham mais titulação para as Minas e Energias. Em 19 de dezembro de 2002, Dilma recebe um telefonema daquele que viria a Presidir o Brasil por 8 anos, a partir de 01 de janeiro de 2003.

Amaral (2011, p. 127) relata:

“Era ele. Eu vou ser ministra”, Dilma deixou escapar diante das poucas pessoas que estavam em sua sala, entre elas a amiga Maria Regina Barnasque, a Buluga. Ela exigiu segredo, mas não impediu a amiga de comprar e abrir, ali mesmo, duas garrafas de espumante. Para disfarçar dos curiosos, fingiram que estavam comemorando antecipadamente o Natal. (AMARAL, 2011, p. 127)

Em sua gestão, houve destaque ao fato que contratos assinados no governo Fernando Henrique Cardoso foram mantidos. O que mais temia a nova ministra era um novo apagão no país, por isso investiu para que fosse implantado no Brasil, um novo modelo elétrico que reduziria a responsabilidade do estado pelo mesmo. Assim nasceu o Programa Luz Para Todos, levando energia elétrica para áreas mais pobres, principalmente rurais, com as tarifas sendo subsidiadas pelo poder público.

Ainda preocupada com um novo apagão, elaborava projetos e autorizava obras de maneira emergencial, o que a levou a virar um desafeto da então Ministra do Meio Ambiente Marina Silva, que defendia publicamente o embargo dessas mesmas obras, alegando que poderiam estar sendo causados desequilíbrios ecológicos. Coube a José Dirceu tentar acalmar os ânimos das duas e resolver os impasses.

Com o escândalo do mensalão, a pressão popular e o conselho do delator Roberto Jefferson, José Dirceu, após três reuniões com o Presidente Lula, anunciou sua saída do Ministério da Casa Civil, e com o apoio da cúpula do PT, sugeriu que seu substituto viesse do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), para reforçar a base do governo, que naquele momento perdia popularidade. Mas o presidente acreditava que a pasta em si, necessitava de alguém com o perfil mais de gestão, por isso só lhe vinha em mente o nome de Dilma Rousseff. O PT decidiu não se opor. O convite foi feito, e diferente de quando foi escalada para assumir as Minas e Energia, Dilma pediu alguns dias para pensar se assumiria a Casa Civil. Foi o tempo que Lula precisou para vazsar a notícia para o jornalista Kennedy Alencar, que tratou logo de publicá-la, dificultando assim qualquer recusa por parte dela. Em uma viagem ao Paraguai junto a Lula, Dilma aceitou o convite.

Era chegado o momento de pensar na sucessão. A cúpula petista não estava convencida e uma divisão rondou o partido. Só que o chefe estava mais que convicto: a mãe do PAC era a candidata ideal, e o PT ainda poderia entrar para a história, elegendo a primeira mulher Presidente do Brasil.

Numa jornada delicada, o Partido dos Trabalhadores deveria convencer a nação de que uma mulher, que jamais disputara uma eleição, poderia vir a ser a nova chefe do executivo nacional. Mas isso não foi o primeiro empecilho. Em 2009, Dilma é diagnosticada com um câncer no sistema linfático, que primeiramente foi omitido pelo partido, mas posteriormente fora obrigado a admitir o drama na vida da candidata.

A oposição logo tratou de considerar um verdadeiro risco à nação eleger para a Presidência alguém com uma doença grave. Nesse instante, o PT já cogitava trocar a candidatura, e aí surgem nomes como o do então Ministro da Educação Fernando Haddad e do então Presidente do Banco Central Henrique Meirelles. Mas Lula não abria mão de sua candidata.

Oliveira (2011) afirma:

A ministra começou a passar por questões de quimioterapia, diminuiu o ritmo da agenda e, ao contrário do que acreditava a oposição, o nome dela se tornava uma ameaça quando se lembravam do brilhante vice de Lula, José Alencar, que mesmo com a saúde debilitada, nunca deixou de batalhar pelo país. E Dilma começou a crescer. (OLIVEIRA, 2011, p. 70)

Para a oposição, faltavam elementos para atacar o governo. Lula, por onde passava, arranjava uma maneira de citar Dilma, enaltecendo o papel dela em seu governo. Mesmo assim, tê-la na presidência ainda gerava desconfiança.

Oliveira (2011) cita o seguinte:

Os pontos fracos de Dilma, sua relação com a ditadura, a tentativa de escândalos, como mais uma vez quebras de sigilos bancários, a questão do aborto e da liberdade de imprensa, voltaram a dominar o cenário após os quatro anos, idêntico ao cenário de 2002, só que com um Lula “de saias”, talvez, ou outro Lula, pois este ninguém se atrevia a maldizer. (OLIVEIRA, 2011, p. 70)

Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher Presidente da República, em 31 de outubro de 2010, com 55.752.529 votos.

#### 4.3.1 Governo Dilma

Dilma toma posse em 01<sup>o</sup> de janeiro de 2011, tendo como o seu principal objetivo o de erradicar a miséria do país. Dentre os fatos marcantes do início de seu mandato, estão a visita do então Presidente dos Estados Unidos Barack Obama, o corte de R\$ 50 bilhões nas despesas, além de ter que enfrentar algumas tragédias, como os deslizamentos de terra e as enchentes no Rio de Janeiro, e o massacre de estudantes em uma escola pública do bairro de Realengo, também no Rio de Janeiro.

Mesmo que o PT tenha uma postura contrária às privatizações, em seu governo foram vendidas ferrovias, rodovias e aeroportos, como o de Viracopos, Guarulhos e o de Brasília, gerando mais de R\$ 20 bilhões para os cofres públicos.

Lançando o programa “Brasil Carinhoso”, Dilma começava uma batalha para pôr fim à miséria em famílias que tivessem membros com até 15 anos de idade, ao mesmo tempo em que criava mais de 70 mil cargos para a educação no país e destinava 50% das vagas em universidades federais aos alunos oriundos do ensino público.

Em dois anos de governo, a conta de luz teve o valor reduzido e a produção de energia crescia. A isenção de impostos fez com que Dilma atingisse um índice de aprovação histórico, superior aos de Lula e de Fernando Henrique Cardoso no início de seus mandatos. Porém, estava para iniciar a grande instabilidade do governo da primeira mulher presidente.



Em junho de 2013, enquanto o Brasil sediava a Copa das Confederações, teve início no país uma onda de protestos, que a princípio era contra o aumento no valor da passagem do transporte público, e que posteriormente virou contra a corrupção e os gastos com a construção de estádios para a Copa do Mundo, que se realizaria um ano depois. Em meio à destruição de prédios e carros, ficou a imagem do Congresso Nacional sendo tomado pelos manifestantes. Dilma, que iria viajar para o Japão, teve que cancelar a atividade, e em pronunciamento anunciou investimentos no transporte público, saúde, educação, propôs um plebiscito para uma reforma política, ao mesmo tempo em que defendia que parte dos gastos com a Copa era fruto de financiamento e que a iniciativa privada faria a devolução dos valores, além de enfatizar que as obras de mobilidade urbana não visavam somente o período de realização da competição futebolística.

A popularidade de Dilma sofreu uma grande queda, similar a de Fernando Collor. Após os protestos, Dilma sancionou o Marco Civil da Internet, onde provedores passariam a ter obrigações e direitos; e leiloou uma área do Pré-Sal, mesmo negando que o Petróleo nacional estava sendo privatizado.

Durante a Copa do Mundo, Dilma foi alvo de protestos na abertura e na final da competição, sendo vítima inclusive de palavras de baixo calão. Mesmo com a segunda metade de seu mandato sendo bastante turbulenta e com um período eleitoral de altos e baixos, Dilma garantiu a princípio, mais quatro anos à frente da Presidência da República, ao ser reeleita com 54.501.118 votos contra 51.041.155 do candidato Aécio Neves (PSDB) – uma diferença pequena para os padrões nacionais e que dividiu o país.

No final do primeiro mandato, Dilma recebeu uma boa notícia (talvez a última): o Brasil registrava naquele momento a menor taxa de desemprego da história, com o índice de 4,3% da população economicamente ativa.

#### 4.3.2 Lava Jato

A mais importante operação da história da Polícia Federal do Brasil, a Lava Jato, teve início em meio ao último ano do primeiro mandato de Dilma. Liderada pelo juiz paranaense Sergio Moro, ela investiga crimes como o de corrupção ativa e passiva, recebimento de vantagem indevida, gestão fraudulenta, operação

fraudulenta de câmbio, lavagem de dinheiro, obstrução de justiça e organização criminosa.

A Polícia Federal prega que empreiteiras se organizavam em forma de cartel e negociavam com nomes do alto escalão de empresas públicas, o pagamento de propina em cima de contratos superfaturados, em que seus valores ultrapassavam os bilhões de reais. As investigações indicaram que a corrupção, bem maior que no período do mensalão, também acontecia em órgãos federais.

A situação para o PT piorou quando o seu maior líder, Lula, passou a ser investigado. O Ministério Público Federal o denunciou por ter recebido benefícios, como um apartamento triplex e um sítio da empresa OAS em troca de contratos com o governo.

Nesse momento, o Brasil volta a ser palco de intensas manifestações, desta vez pedindo o impeachment da Presidente Dilma Rousseff, pelo alto envolvimento do governo federal no escândalo. A princípio, figuras políticas (inclusive da oposição) se posicionaram de maneira contrária, como o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso e a ex-senadora Marina Silva. A falta de provas do envolvimento direto de Dilma com os atos, não davam base jurídica para uma interrupção de mandato.

A queda brusca na popularidade de Dilma, e Lula tornando-se réu, refletiu no Congresso Nacional, que passou a ser oposicionista e mais atento a qualquer falha que pudesse configurar base legal para um impeachment.

Sem o benefício do foro privilegiado, Lula foi nomeado Ministro da Casa Civil por Dilma, o que tiraria seus processos da responsabilidade do juiz Sergio Moro e passaria para o Supremo Tribunal Federal. Tal fato gerou revolta nacional e ações judiciais anulando a nomeação. Dilma foi acusada de obstrução de justiça e passava a ser alvo do judiciário. Seu governo, já registrava uma profunda crise econômica, com o dólar chegando a custar R\$ 4 e o desemprego ultrapassando a casa do 10 milhões. O apoio ao impeachment passava a crescer no país.

#### 4.3.3 Impeachment

Em dezembro de 2015, o então Presidente da Câmara Eduardo Cunha, envolvido na Lava Jato, aceitou o pedido de impeachment da Presidente Dilma Rousseff feito pelos juristas Miguel Reale Junior, Janaina Paschoal e Hélio Bicudo – este último é um dos fundadores do PT. Tal fato chamou a atenção por ter sido no

mesmo dia em que a bancada do Partido dos Trabalhadores anunciou que votaria a favor da cassação de Cunha. A atitude do parlamentar foi vista como um gesto de retaliação.

A alegação para cassar o mandato de Dilma foi que a mesma teria cometido “pedaladas fiscais” – fato que gerou discussão, pois ficava a dúvida se a prática se configurava como crime de responsabilidade. No meio jurídico houve divisão em três grupos: aqueles que atestavam a legalidade do processo, os que não atestavam e os que consideravam pedalada fiscal como uma infração muito pequena para a punição que Dilma poderia vir a sofrer. Os que se opuseram ao impedimento da Presidente, consideram até hoje como “golpe parlamentar” o ocorrido, justificando que Dilma não estava disposta a ajudar parte do congresso que era denunciada na Lava Jato. Sendo assim, eles viam no vice-Presidente Michel Temer, já rompido com o PT, a pessoa ideal para conter os avanços da operação ou estancar a sangria.

Em votação no plenário da Câmara, onde pouquíssimos deputados se apegaram a alegação para justificar seus votos, 367 votaram favoráveis ao impeachment, enquanto 137 foram contrários, 7 optaram pela abstenção e 2 não compareceram à votação. A abertura do processo estava aprovada e ia para o senado.

Fernando Henrique Cardoso e Marina Silva, que em outrora eram contrários ao impedimento, passaram a se mostrar favoráveis. Dilma fora afastada do cargo – o que facilitou a articulação de Michel Temer para assumir o poder de forma efetiva. Em 31 de agosto de 2017, 61 dos 81 senadores votaram a favor da perda do cargo e Dilma deixou de maneira definitiva a Presidência da República. Curiosamente, ao contrário do que acontecera com Fernando Collor, ela não teve seus direitos políticos cassados. Essa vitória não foi comemorada, pois chegava ao fim a Era PT.

A atualidade mostra um sistema político desgastado como um todo, e a opinião da sociedade sobre esse segmento só piora. Os 13 anos do Partido dos Trabalhadores a frente da Presidência da República expuseram fatores avaliados de maneira positiva e negativa pela sociedade. O futuro do PT é incerto, um perdão pelos erros é questionável, mas sua falência é improvável, visto que nas atuais pesquisas de intenção de voto para o pleito presidencial de 2018, é justamente ele quem está na frente, tendo Lula como candidato. Fica a dúvida se este operário que chegou ao poder, tem outro destino pela frente, senão a prisão ou a Presidência da República.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Método de Abordagem**

Será utilizado o método da abordagem dedutiva, indo do mais abrangente ao mais específico. Estudar-se-á escolas literárias como o realismo e o naturalismo, assim como o sistema político nacional, que levará a análise das biografias de Aluísio Azevedo, Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, até encontrar-se na obra “O Cortiço” e nos treze anos de governo petista na Presidência da República, que resultará no produto final deste projeto monográfico.

### **4.2 Técnicas de Pesquisa**

Revisão de bibliografia indicada, textos jornalísticos, dados estatísticos.

## 5 A VEROSSIMILHANÇA ENTRE A OBRA “O CORTIÇO” E A FILOSOFIA POLÍTICA SOCIAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES FRENTE A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

Há um consenso de que não existe obra literária que não tenha surgido fruto de uma inspiração antiga e/ou algo que embase as ideias, por mais fictícias que sejam as incutidas na mesma.

Cândido (1991) afirma que:

Todas as vezes, dizia Proust, que um grande artista nasce, é como se o mundo fosse criado de novo, porque nós começamos a enxergá-lo conforme ele o mostra. E há o dito de Oscar Wilde, que depois de ter mostrado Corots e Daubignys, a natureza da França mostrava naquela altura Monets e Pissarros. (CÂNDIDO, 1991, p.1)

Citar Prost e Oscar Wilde se justifica porque foram dois autores que reagiram contra a escola literária do naturalismo, que exigia uma imagem mais fiel da realidade, como se um escritor estivesse diante de seu objeto, fazendo o registro de tudo o que nele acontecia, além de fazer as interpretações cabíveis. O que vai de encontro com o que Prost e Wilde pensavam é o que Cândido (1991, p.1) prega: “a estética *fin-de-siècle*, de Rémy de Gormont, teoricamente tão pouco naturalista, repousa nessa utopia da originalidade absoluta pela experiência imediata, que o levava a desconfiar da influência mediadora das obras”.

Mas a verdade é que uma obra é criada para o mundo, assim como uma mãe cria um filho. Por mais que se almeja que uma orientação seja seguida, quando menos se espera, a cria já quer andar com as próprias pernas. Sendo assim, as coisas só conseguem caminhar seguindo uma racionalidade, por mais que haja alguém ou algo por trás delas. Com uma obra literária não seria diferente. Cândido (1991, p. 1) complementa: “a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo.”

Para escrever “O Cortiço”, o escritor maranhense Aluísio Azevedo teve como inspiração a obra “L’Assommoir”, de Emile Zola, e inclusive seu livro é tratado como um segundo texto da obra do francês, pois ambos mostram a mesma essência, o mesmo foco no trabalhador, num local de moradia, com bastante destaque às classes mais desfavorecidas. Sim, Aluísio buscou inspiração para construir um dos

seus principais romances, porém a realidade mostrada era aquela que cercava o irmão de Arthur Azevedo e não algo do qual Zola era ciente.

Cândido (1991, p.1) diz que: “O Cortiço é um romance bem realizado e se destaca na sua obra, geralmente medíocre, pelo encontro feliz dos dois procedimentos”. Para um país em pleno subdesenvolvimento, como o Brasil do século XIX, transcrever toda aquela realidade não deixava de ser doloroso para quem se preocupava em mudar aquela situação, e assim mostrou que todos têm que ser críticos o suficiente para analisar, com liberdade, responsabilidade e independência, o que realmente se passa no seu país, em qualquer época, inclusive no século XXI.

Desde 01 de janeiro de 2003, o Brasil passou por um período de mudanças significativas, tanto no campo social, quanto na economia; isso após o país passar por uma regressão, não conseguindo se manter entre as dez maiores potências econômicas do mundo e o número de desempregados ultrapassando a marca dos 10 milhões. Com a posse do Partido dos Trabalhadores no comando da nação, a economia nacional se tornou mais dinâmica e o rendimento familiar teve um notável crescimento.

Tal fato não se diferenciava de outros governos, inclusive do período do regime militar, mas o desafio dado ao PT era conseguir, aquilo que muitas gestões progressistas não alcançaram: crescer, diminuindo a miséria e a desigualdade. Esse ineditismo que atingiu o Brasil foi alvo de questionamentos, o que leva qualquer analista a buscar respostas inicialmente na situação social do país. E por que não voltar ao Brasil do século XIX?

A obra “O Cortiço” focalizou os trabalhadores mais pobres e até mesmo em estado de miséria, vivendo e sobrevivendo a uma espécie de moradia que não agradava a ninguém, nem mesmos a vizinhança elitizada. Aluísio Azevedo teve a perspicácia de diversificar os problemas sociais que ele denunciava.

Enquanto uma Europa naturalista investia em temas como política, comércio, bolsa de valores, clero, militarismo, entre outros; o escritor coloca o Brasil e o brasileiro como centro do problema, sendo eles a solução ou até mesmo os culpados, unindo-se assim a uma postura do escritor cearense José de Alencar, que investia bastante em variedades de tempo e geográfica. Cândido (1991, p. 3) afirma que: “o nosso regionalismo nasceu em parte como fruto da dificuldade de desdobrar a sociedade urbana em temário variado para o romancista”.

Aluísio investe numa associação do trabalhador com o explorador econômico, de maneira mais dura que Emile Zola. Cândido (1991, p.4) complementa: “a originalidade do romance de Aluísio está nessa coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente ainda era semicolonial”. Assim, há, em “O Cortiço” uma dimensão do início do capital em um país que ainda estava começando a ser uma república, e mostrava que a economia do país crescia em cima de uma exploração brutal do trabalhador e de uma inflação que elevava o preço da casa própria, obrigando os mais pobres a terem que aceitar qualquer lugar para viverem. E o contexto da obra maranhense aqui analisada mostra quão dramática era a situação.

Cândido (1991, p.4) afirma que:

O Cortiço narra com efeito a ascensão do taverneiro português João Romão, começando pela exploração de uma escrava fugida que usou como amante e besta de carga, fingindo tê-la alforriado, e que se mata quando ele a vai devolver ao dono, pois, uma vez enriquecido, precisa liquidar os hábitos do passado para assumir as marcas da posição nova. Mas a verdadeira matéria-prima do seu êxito é o cortiço, do qual tira um máximo de lucro sob a forma de aluguéis e venda de gêneros.

O trabalhador era uma grandiosa peça de uso de um projeto de enriquecimento, e Aluísio colocou aquele cortiço num bairro rico, ao lado de mansões, justamente para se ter dimensão da tamanha desigualdade social existente no Brasil.

Curiosamente, o Partido dos Trabalhadores recebeu um país, mais de 100 anos após a publicação de “O Cortiço”, com dados ainda preocupantes no segmento social, onde os trabalhos feitos em prol do fim da inflação não estavam em sintonia com uma reforma trabalhista que garantisse direitos à classe trabalhadora.

Do governo de Juscelino Kubitschek ao Golpe de 1964, a renda per capita nacional foi expandida, com aumento na mão de obra, e boa parte dela estava registrada na carteira de trabalho. Mesmo assim, com oferta de empregos, a falta de direitos fez com que a desigualdade ainda imperasse e se alastrasse por todo o regime militar.

Com a redemocratização nos governos José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, a situação trabalhista nacional teve uma piora significativa, com uma queda na formalização de empregos.

Pochmann (2013, p. 147) afirma:

Nesse período, a participação do rendimento do trabalho na renda nacional diminuiu 23%. A desigualdade na distribuição pessoal da renda do trabalho manteve-se praticamente inalterada, pois se reduziu ao ritmo de 0,1% por ano, em média. (POCHMANN, 2013, p. 147)

Com um ano de Governo do Presidente Lula, a renda per capita nacional cresceu 3,3% e o trabalho 5,5% ao ano. Pochmann (2013, p. 147) complementa: “nesse mesmo período, o grau de desigualdade na distribuição pessoal da renda do trabalho foi reduzido em 10,7%”.

No governo petista, leis trabalhistas que concediam mais direitos ao trabalhador fizeram com que os mesmos tivessem mais segurança e proteção no mercado de trabalho, sem que isso viesse a prejudicar empresas e indústrias, que inclusive viram seus lucros crescerem. Assim, o PT colocava em prática um de seus lemas que prega que o povo não é problema, e sim uma solução.

Tais ideias já poderiam ter sido trabalhadas no século XIX. “O Cortiço” ia além de uma realidade que era observada, impondo diversos significados às tramas apresentadas, ou seja, a denúncia de Aluísio Azevedo não dizia respeito somente ao bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e sim a um panorama nacional.

Cândido (1991, p. 9) aponta:

O cortiço de Botafogo, estendendo-se rumo à pedreira (que ainda lá está, no fundo da rua Marechal Niemeyer, explorada a dinamite como no tempo de Jerônimo), é uma habitação coletiva que penetrou em todas as imaginações e sempre tirou o seu prestígio do fato de parecer uma imagem poderosa e direta da realidade. Mas em outro nível, não será também antinaturalisticamente uma alegoria do Brasil, com a sua mistura de raças, o choque entre elas, a natureza fascinadora e difícil, o capitalista estrangeiro postado na entrada, vigiando, extorquindo, mandando, desprezando e participando?

Escancarando com mais força os problemas do Brasil, Aluísio Azevedo fez de seu cortiço só uma pequena amostra do que era esse país: uma verdadeira nação de brancos e negros misturados num só lugar, brigando entre si, em plena desigualdade de condições, quando na verdade estavam pura e fortemente sendo explorados e garantindo riquezas e prazeres para os portugueses, que feriam todo e qualquer direito humano e social que todo brasileiro teoricamente tinha direito, principalmente após a libertação dos escravos. Talvez o fim da monarquia só tenha, na prática, prejudicado a família Orleans e Bragança, quando na verdade o capital estrangeiro ainda garantia muito lucro em terras tupiniquins.



Cândido (1991, p. 10) acrescenta:

Na composição, o cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime. Ele é um ambiente, um meio – físico, social, simbólico, – vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica das relações. Mas além e acima dele o romancista estabeleceu outro meio mais amplo, a "natureza brasileira", que desempenha papel essencial, como explicação dos comportamentos transgressivos, como combustível das paixões e até da simples rotina fisiológica. Aluísio aceita a visão romântico-exótica de uma natureza poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista. Para ele, é como se a nossa fosse incompatível com a ordem e a ponderação dos costumes europeus; e ao cair nessa falácia mesológica, que tanto perturbou naquele tempo a vida intelectual brasileira e a própria definição de uma consciência nacional, ele deixa transparecer o pessimismo, alimentado pelo sentimento de inferioridade com que a sua geração retificou a euforia patriótica dos românticos. (CÂNDIDO, 1991, p. 10)

O enredo apresentado em “O Cortiço”, demonstra que o brasileiro era um povo sem direito a voz, que tinha que se contentar com aquele pouco que era servido, dentro de uma demagogia de que não havia condições de crescimento e que todos tinham que ser perpetuamente tementes aos europeus, em especial ao português. Tais fatos se assemelham ao abismo social existente no país governado pela direita na década de 1990, onde a diferença entre ricos e pobres, o poder de compra entre eles e o número de refeições diárias mostravam um país que não conseguia dar sinais de recuperação, e se lançava às privatizações de empresas estatais, adquiridas assim pelo capital estrangeiro, com a justificativa de diminuir o poder do estado para valorizar a economia, como se isso reduzisse impostos e/ou uma população sem dinheiro pudesse viver com uma menor oferta de serviços públicos.

Dessa forma, faz-se um importante questionamento: O século XIX seria uma época em que era capaz de negros terem assegurados pontos de inclusão numa sociedade proibida de discriminá-lo racialmente? Empregadas domésticas teriam legislação própria? Mulheres podiam reagir ao machismo, ao adultério e a violência doméstica?

Cândido (1991) afirma que:

Aquilo que é condição de esmagamento para o brasileiro seria condição de realização para o explorador de fora, pois sempre a pobreza e a privação foram as melhores e mais seguras fontes de riqueza. De qualquer modo, o movimento social parece o mesmo que o movimento da narrativa, porque, como vimos, o cortiço é ao mesmo tempo um sistema de relações concretas entre personagens e uma figuração do próprio Brasil. (CÂNDIDO, 1991, p.10)

Se benevolentes ideais petistas estivessem presentes no segundo reinado ou no governo do Marechal Deodoro da Fonseca, poderiam resultar em uma mudança para melhor na sociedade brasileira. Chauí (2013, p. 128) garante o sucesso se forem trabalhados os seguintes pontos: “(...) programas governamentais de transferência da renda, inclusão social e erradicação da pobreza, (...) política econômica de garantia do emprego e elevação do salário mínimo”. Nos governos Lula e Dilma, as classes mais pobres tiveram uma queda de 30%, as classes mais ricas dobraram e o Brasil saiu do mapa da fome.

Chauí (2013) ainda acrescenta:

A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. Essa expansão tem levado à afirmação de que cresceu a classe média brasileira, ou melhor, de que teria surgido uma nova classe média no país. (CHAUÍ, 2013, p. 128)

É necessário constatar que se as mudanças sociais no Brasil já são um avanço considerável, comparado há 30 anos, os governos esquerdistas conseguiram a proeza de fazer com que o crescimento da renda de uma pessoa fosse de encontro à redução da desigualdade de salários nos campos de trabalho. Pochmann (2013, p. 156) afirma que: “A dinâmica das mudanças sociais encontra-se associada às transformações na estrutura produtiva, com crescente impulso do setor terciário, sobretudo na geração de postos de trabalho”. Ironicamente, esse setor terciário é o mesmo no qual estão inseridos os personagens de “O Cortiço”, que viviam na ilusão de uma exploração brutal como única forma de crescimento de uma nação.

Logo, essa mudança de direção no campo social era o fator primordial para tentar modificar uma verdade inconveniente que perseguia a todos, mostrando que há uma esperança em uma terra de regressões, mesmo que a totalidade não viesse a se preocupar com isso, pois para muitos, os esforços governamentais em prol disso nada mais era que uma obrigação, dependendo da forma como era executado; e quando as coisas dão certo, isso coloca algo e/ou alguém em evidência, com muitos o querendo perto e outros o querendo bem longe. Para muitos, distribuição de renda é esmola para vagabundo; cotas é racismo reverso e outros tipos de discriminação combatida é vitimismo.

Isso inclusive fez com que crescesse o ódio ao Partido dos Trabalhadores, o que põe em cheque até a cordialidade do ser humano. Um cidadão que é capaz de amar demais, também pode atingir altos níveis de crueldade.

Segundo Boff (2015, p.1):

Esse ódio é induzido pela mídia conservadora e por aqueles que, na eleição, não respeitaram o rito democrático: ou se ganha, ou se perde. Os derrotados procuram por todos os modos deslegitimar a vitória e garantir uma reviravolta política que atenda seu projeto, rejeitado pela maioria dos eleitores.

O Brasil do Partido dos Trabalhadores e o cortiço de Aluísio são um resultado da força popular. É a miscigenação entre pessoas de raças diferentes, é a miscigenação entre pessoas de culturas diferentes, é o país em que aumentou a discussão sobre tolerância com as diferenças (mesmo que o oposto ainda esteja em alta), em que foram visualizados os aspectos sociais e psicológicos, e a quantidade de riquezas públicas e privadas ficaram em evidência.

Se as mudanças não tenham sido tão fundamentais, seja na forma de ver ou de agir, se os erros têm que ser tão punidos da mesma forma em há aplausos para os acertos, fica a dúvida sobre o que é realmente essencial para sanar todos os problemas que ainda atingem o Brasil.

A miséria de outrora infelizmente ainda persiste. Há a intenção de se conceber e conceder benesses para os atingidos, mesmo que a iniciativa não seja tão popular assim. E as novas gerações que estão chegando, uma hora conhecerão os mais lamentáveis fatos da história do país, e também saberão que houve quem se preocupou em mudar essa história, e acabou por revolucioná-la, mesmo sendo tão negligente onde jamais poderia ter sido. Diante dos avanços, pode ficar o questionamento do porquê de as coisas não terem chegado perto da perfeição. Assim, quem irá dar as respostas dessas dúvidas? O homem ou a vida?

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não somente a literatura, mas a ficção trata o homem como na teoria determinista, ou seja, ele acaba sendo um fruto do meio, que tem o seu comportamento ditado pelo ambiente em que ele está inserido. O realismo e o naturalismo, representados por alguns dos maiores autores da história literária brasileira, visa mudar esse pensamento, propondo mais pragmatismo na maneira de ser percebida uma realidade, por mais dura que ela seja.

De acordo com o explicitado, essa mesma ciência experimental não deixa de ser uma proposta de um contexto que fomenta o preconceito numa realidade onde muitos pregam pela tolerância. Viver numa comunidade e ter pele escura não é sinal de que alguém não seja intelectual, que não tenha caráter ou boa índole. Não é à toa que as favelas hoje concentram uma diversidade de seres, classes e profissões.

Alguns teóricos consideram a obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, uma ferrenha crítica a uma sociedade composta de classes sociais menos favorecidas, suas ações e seus pensamentos; mas ao mesmo tempo fica claro que tais “assertivas” provêm de uma visão elitizada das classes mais altas, que não admitem qualquer virtude em quem não tem o mesmo poder aquisitivo que eles. Daí pode-se questionar se a trama criada por Aluísio Azevedo visa ou não restringir desvios malevolentes como pertencentes a só uma classe, e ver como tais fatores do final do século XIX podem estar interligados ao do século XXI.

A contemporaneidade exige uma política democrática como algo que tem que estar entrelaçado com a justiça social. Convêm ressaltar que o brasileiro, como um todo, é um povo que se firma numa grande autoridade, que impõe prioridades e estabelece relações de subordinação, que gosta de concentrar o poder em um só grupo, dividido em privilegiado e carente, e que só pode vir a executar ações que estabeleça uma sociedade democrática, se todos esses fatores vierem a serem combatidos.

Será que apenas conceder benefícios para as minorias não é suficiente para pôr fim a essa polarização? Será que enfrentar privilégios nas áreas de tributos, renda, política e cidadania cultural também não seria necessário? Monopólios da classe dominante sobre a subalterna existem ao extremo, e Lula, Dilma e Aluísio Azevedo sabem muito bem isso.

Mas será que o estado, seja ele esquerdista ou direitista, está pronto para agir de maneira não populista? A classe trabalhadora é tida como o eixo principal para a construção dessas políticas e da sociedade democrática tão necessária e hoje bem mais quista no mundo inteiro. As greves em São Bernardo do Campo são uma referência. Hoje, mesmo com o capitalismo impondo diversos percalços, sempre surgem novos caminhos organizacionais e novas lutas.

O Partido dos Trabalhadores venceu quatro eleições presidenciais com uma vasta votação principalmente nas comunidades mais pobres, tendo a região Nordeste como o seu reduto eleitoral; ao mesmo tempo não tinha e não tem popularidade com a burguesia.

Enquanto a classe baixa aplaudia o assistencialismo e ignorava a corrupção, a classe mais alta fazia o contrário, acusando a presidência de usurpar projetos já existentes em outrora, numa prática que, segundo eles, fomentaria um instinto de subserviência, que resultaria em garantia de novas vitórias em pleitos presidenciais. Seria Aluísio um vidente ou apenas um escritor que relatou com fidelidade um cotidiano de final de século, que acabou por ser mantido em séculos seguintes?

Diante do exposto, conclui-se que a obra “O Cortiço” e o Partido dos Trabalhadores despertam diversas interpretações, com a única diferença de que o final da história do partido político será muito difícil um cidadão saber qual será, mesmo que as atuais pesquisas de intenção de voto mostrem que Lula voltará a exercer o cargo de Presidente da República, a partir de 01 de janeiro de 2019.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo Batista. A Vida quer é coragem – A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil. 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. 1.ed. São Paulo: IBEP Jovem, 2012.

AZEVEDO, Aluísio. O Mulato. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. O que se esconde atrás do ódio ao PT (I)?. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/03/07/o-que-se-esconde-atras-do-odio-ao-pt-i/>>. Acesso em 28 de novembro de 2017.

COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positivista. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (“Coleção Os Pensadores”).

CANDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. Revista Novos Estudos, São Paulo, v.30, p. 1-19. 1991.

CARVALHO, B. S/Primeiro mandato do governo Lula (2003-2006): uma análise de literatura/In: VII ENPPEX - Encontro Paranaense de Pesquisa e Extensão em Ciências Sociais Aplicadas, 2011, Campo Mourão. VII ENPPEX. Campo Mourão: Fecilcam, 2011.

CATTANEO, Guilherme Hammel. Determinismo Indeterminante. Disponível em: <<http://ocorticoemopinioes.blogspot.com.br/2013/06/antes-deler-este-artigo-procureler-as.html>> Acesso em 18 de junho de 2017

CHAUÍ, Marilena; POCHMANN, Marcio. Lula e Dilma – 10 anos de governos pós liberais. 1.ed. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

CLARK, B.. Political economy: A comparative approach. 2.ed. Westport: Praeger, 1998.

CRISTALDO, Heloisa. PT deixa o poder após 13 anos com avanços sociais e economia debilitada. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-08/apos-13-anos-pt-deixa-o-poder-com-avancos-sociais-mas-economia-debilitada>> Acesso em 18 de junho de 2017.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos. Rio de Janeiro: Record, 1990.

LIMA, Irani Barbosa de. A questão do determinismo no “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. Guarabira: UEPB, 2012. 19f.

MARCILIO, Fernando. O Cortiço. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/o-cortico.html>> Acesso em 18 de junho de 2017

MARTINS, Andreia. O que é ser de esquerda, direita, liberal e conservador?. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/politica-o-que-e-ser-esquerda-direita-liberal-e-conservador.htm>> Acesso em 18 de junho de 2017

MELANDER FILHO, Eduardo. O Cortiço: Uma Metáfora bem atual. Disponível em: <<http://edmelander.blogspot.com.br/2007/09/o-cortio-uma-metfora-bem-atual.html>> Acesso em 18 de junho de 2017.

MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MONTELLO, Josué. Aluísio Azevedo e a polêmica d'"O Mulato". Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

NOBRE, Laysi Praxedes. Literatura e Política no Brasil (1870-1890): a atualidade no pensamento de Aluísio Azevedo. Revista Humanidades em Diálogo, São Paulo, v.6, p.1-14, nov. 2014.

OLIVEIRA, Sergio. A Era Lula – Visão geral do governo mais popular do Brasil. 1.ed. São Paulo: All Print Editora, 2011.

PEREIRA, Helena Bonito. Toda a Literatura Portuguesa e Brasileira. 1.ed. São Paulo: FTD, 2000.

REIS, Daniel Arão. O Partido dos Trabalhadores – Trajetórias, Metamorfoses, Expectativas. In Revista USP, São Paulo, 2007.

SILVA, Luciana Uhren Meira. O Naturalismo de Aluísio Azevedo: Produção Jornalística e Romanesca. 13.ed. São Paulo: Alpha, 2012.

SOARES, Rogério. Por que ler O Cortiço?. Disponível em: <<http://literaturaeafinidades.blogspot.com.br/2010/03/por-que-ler-o-cortico.html>> Acesso em 18 de junho de 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. O Naturalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

TAINÉ, Hippolyte. Filosofia da Arte. Trad. Helena Barbosa. São Paulo: Edições Cultura, 1944.

ZOLA, Émile. O romance experimental. Introdução, tradução e notas de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.